



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PGLETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

**A REFERENCIAÇÃO EM TIRAS DO INSTAGRAM: A CONSTRUÇÃO DE
SENTIDO EM TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS**

SÃO LUÍS

2022

ANDREZA LUANA DA SILVA BARROS

A REFERENCIAÇÃO EM TIRAS DO INSTAGRAM: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras, apresentado do Programa de Pós-Graduação em Letras-PGLetras da Universidade Federal do Maranhão como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientadora: Prof^a Dra. Mônica Fontenelle Carneiro.

Coorientadora: Prof^a Dra. Claudiene Diniz da Silva.

São Luís

2022

SILVA BARROS, ANDREZA LUANA DA.

A REFERENCIAÇÃO EM TIRAS DO INSTAGRAM: : A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS / ANDREZA LUANA DA SILVA BARROS. - 2022.

113 p.

Coorientador(a): Claudiene Diniz da Silva.

Orientador(a): Mônica Fontenelle Carneiro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Instagram. 2. Referenciação. 3. Texto multissemiótico. 4. Tiras. I. Diniz da Silva, Claudiene. II. Fontenelle Carneiro, Mônica. III. Título.

ANDREZA LUANA DA SILVA BARROS

A REFERENCIAÇÃO EM TIRAS DO INSTAGRAM: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras, apresentado do Programa de Pós-Graduação em Letras-PGLetras da Universidade Federal do Maranhão como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Mônica Fontenelle Carneiro

Orientadora/Presidenta

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof^a. Dr^a. Claudiene Diniz da Silva

Coorientadora

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Prof^a. Dr^a. Veraluce da Silva Lima

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Examinadora Interna

Prof^a. Dr^a. Isabel Muniz Lima

Examinadora Externa

Universidade Federal de Alagoas

Prof^a. Dr^a. Marize Barros Rocha Aranha

Membro suplente

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

“O que é que há, pois, num nome? Aquilo que chamamos rosa, mesmo com outro nome, cheiraria igualmente bem”.

William Shakespeare

AGRADECIMENTOS

Desde criança meus avós incentivaram meus estudos, pois como eles sempre me diziam eu estava tendo uma oportunidade que ninguém da minha família ainda havia tido. Como menina obediente que sempre fui e sou, fiz exatamente o que eles disseram e consegui ser a primeira da família a ter um curso de nível superior. Mesmo graduada, confesso que durante algum tempo não imaginei cursar um mestrado, a verdade é que nem mesmo sabia o significado acadêmico deste curso. Adentrei no mestrado guiada por anjos que Deus colocou em minha vida e devido como bem já disse Isaac Newton: “Se vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”.

Agradeço primeiramente a Deus, escritor sábio da vida. Ele sempre guiou meus caminhos para que eu chegasse até aqui e conseguisse com êxito habitar um mundo que era totalmente desconhecido. Por ser acalento e amor, por me dar sabedoria e por renovar continuamente minha fé e esperança. Em mim habita a forte convicção de que todas as coisas são por ele e para ele.

Muitas são as pessoas as quais preciso agradecer, inicio agradecendo a minha amada família por sempre acreditarem na educação e incentivarem meus estudos. Em especial a minha mãe Maria Medeiros e minha irmã Camila Gomes que acompanharam de perto o processo da escrita. Esta dissertação não é minha é nossa!

Ao meu namorado Wdson Mendonça, por seus olhos brilharem juntos com os meus quando um grande desafio está à minha frente. Por sempre me lembrar que eu sou capaz, pelo carinho e por todo amor apresentado por várias semioses, inclusive através de peras e biscoitos que muito me ajudaram durante o curso.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a. Mônica Fontenelle Carneiro pelo acolhimento carinhoso, por sempre confiar em minhas decisões e no meu trabalho. Obrigada pelas tarefas grandiosas que me foram direcionadas durante o mestrado.

A Prof^a. Dr^a. Claudiene Diniz da Silva a quem me faltam palavras para expressar o quanto sou grata pela sua exímia coorientação. Obrigada por de forma sempre bondosa compartilhar seus conhecimentos comigo.

A Prof^a. Dr^a. Veraluce da Silva Lima pelas observações sempre pertinentes à minha pesquisa, desde o início do curso até a defesa. Gratidão pelos ensinamentos das questões teórico-metodológicas do universo da pesquisa.

A Prof^a. Dr^a. Isabel Muniz Lima que muito colaborou com relevantes sugestões durante a banca de qualificação. Suas palavras e recomendações foram essenciais para a qualidade da dissertação aqui apresentada.

Minha gratidão especial ao Cássio Sousa Mendes, secretário da pós-graduação que sempre foi solícito e resolutivo, tornando minha vida acadêmica mais tranquila.

Aos meus amigos Layane Sousa e Gabriel Castro por serem base de certezas e eliminação de angústias, juntos aprendemos, sorrimos, choramos, fizemos política e até militamos.

A Joelma Silva, exemplo de pesquisadora com quem tive conversas revigorantes, pessoa amável e prestativa que nunca me negou ajuda.

Aos tantos amigos que estão muito felizes por esta minha conquista: Regigláucia Oliveira, Magna Mascarenhas, Elissandra Gomes, Elijames Moraes, Robson Cunha, Rakel Mendonça, Leidy Maciel, Kaline Lima, Eline Mendonça, Vanuza Pinheiro, Renilda Pereira, Emanuele Cavalcante, Tarciana Janse, Edneide Costa, Amanda Batalha, Vera Sampaio e Andréia Rodrigues.

A Universidade Federal do Maranhão, pela excelência no ensino e resistência em meio a um turbulento período educacional e político.

A todos que, de alguma maneira, cruzaram meu caminho acadêmico e que, por meio de palavras ou ações de incentivo, contribuíram para esta conquista, meu muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar o fenômeno da referenciação em Tiras do *Instagram*, com foco na construção de sentido realizada pela linguagem multissemiótica. O estudo se desenvolve a partir da linguística textual, mais especificamente no âmbito da Referenciação, teoria que se fundamenta através da prática discursiva em que os referentes do texto são construídos de forma negociada durante o ato de comunicação. Considera-se a pesquisa relevante por vários motivos, entre eles: os dados serem advindos de uma rede social muito utilizada atualmente; o gênero Tira que possui linguagem verbal e não verbal e aciona diversos conhecimentos sociocognitivos para a leitura; e o fenômeno da referenciação que é necessário para que possamos construir sentidos sobre o texto. Para desenvolver esta pesquisa, utilizaram-se os trabalhos de Marcuschi (2008), Fávero e Koch (2012); Bentes (2017), Koch (2002, 2009, 2010), Beaugrande (1997), Koch e Elias (2016) teóricos que estudam sobre a Linguística Textual. Sobre a Referenciação, têm-se por base os trabalhos de Mondada e Dubois (2003), Koch (2004), Cavalcante (2011, 2017), Custódio Filho (2011) e Matos (2018). Em relação ao gênero Tira, destaca-se os estudos de Ramos (2012, 2017, 2020), Luyten (1985), Nicolau (2013), Vergueiro (2006), Eisner (2012). O *corpus* é constituído de cinco Tiras coletadas na rede social *Instagram*, todas sobre o tema da pandemia do COVID-19. O problema de pesquisa que norteou este estudo foi saber como se realiza o processo de referenciação em Tiras na rede social Instagram. Uma vez que se trata de uma rede social composta por elementos multissemióticos. Dentre os métodos de pesquisa adotados, destaca-se o qualitativo, por ser um tipo de pesquisa que considera as reflexões feitas pelos pesquisadores sobre seu estudo. Foram identificados nas Tiras analisadas três tipos de processos referenciais: anáfora direta; anáfora indireta e anáfora encapsuladora. Além da observância à linguagem não verbal no processo referencial, também foram considerados os comentários dos leitores das Tiras, o que foi relevante nas interpretações. Os resultados encontrados foram pertinentes no âmbito do fenômeno da referenciação, assim como das pesquisas sobre o gênero Tira e sua linguagem multissemiótica.

Palavras-chave: Referenciação. Tiras. Texto multissemiótico. *Instagram*.

RESUMEN

La presente investigación tiene como objetivo general investigar el fenómeno de la referenciación en tiritas del Instagram, centrándose en la construcción de significado que lleva a cabo el lenguaje verbal y no verbal. El estudio se desarrolla desde la lingüística textual, más concretamente en el ámbito de la Referenciación, teoría que se fundamenta en la práctica discursiva en la que los referentes del texto se construyen de forma negociada durante el acto de comunicación. La investigación se considera relevante por varias razones, entre ellas: los datos provienen de una red social mucho utilizada actualmente; el género tirita, que tiene lenguaje verbal y no verbal y activa diferentes conocimientos sociocognitivos para la lectura; y el fenómeno de la referencia que es necesario para que construyamos significados sobre el texto. Para desarrollar esta investigación se utilizaron los trabajos de Marcuschi (2008), Fávero y Koch (2012); Bentes (2017), Koch (2002, 2009, 2010), Beaugrande (1997), Koch y Elias (2016), estos teóricos estudian Lingüística Textual. En cuanto a la Referenciación, se basan los trabajos de Mondada y Dubois (2003), Koch (2004), Cavalcante (2011, 2017), Custódio Filho (2011) y Matos (2018). En cuanto al género Tirita, destacan los estudios de Ramos (2012, 2017, 2020), Luyten (1985), Nicolau (2013), Vergueiro (2006), Eisner (2012). El *corpus* consta de cinco tiritas recolectadas en la red social *Instagram*, todas sobre el tema de la pandemia del COVID-19. El problema de investigación que guió este estudio fue conocer cómo se realiza el proceso de referencia en Tiritas en la red social *Instagram*. Ya que es una red social compuesta por elementos verbales y no verbales. Entre los métodos de investigación adoptados, se destaca el cualitativo, ya que es un tipo de investigación que considera las reflexiones hechas por los investigadores sobre su estudio. En las tiritas analizadas se identificaron tres tipos de procesos referenciales: anáfora directa; anáfora indirecta y anáfora encapsulante. Además de observar el lenguaje no verbal en el proceso referencia, también se consideraron los comentarios de los lectores de las tiritas, lo que fue relevante en las interpretaciones. Los resultados encontrados fueron relevantes en el ámbito del fenómeno de la referenciación, así como de la investigación sobre el género Tiritas y su lenguaje multisemiótico.

Palabras- clave: Referenciación. Tiritas. Texto multisemiótico. *Instagram*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 01 – Quadro de expressões sinonímicas de Tira/Tirinha..... | 25 |
|---|----|

FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 01 - Morte no mundo..... | 23 |
| Figura 02 - Do outro lado..... | 28 |
| Figura 03 - As garrafas USQ..... | 31 |
| Figura 04 - Pedido de financiamento do autor de Tira destinado aos leitores..... | 32 |
| Figura 05 - Suspeita de Hermione..... | 35 |
| Figura 06 - Conversação no WhatsApp..... | 48 |
| Figura 07 - A linguagem..... | 53 |
| Figura 08 - <i>Instagram</i> | 60 |
| Figura 09 - Pronunciamento do atleta..... | 67 |
| Figura 10 - Comentários sobre a Tira Pronunciamento do atleta, parte I | 71 |
| Figura 11 - Comentários sobre a Tira pronunciamento de atleta parte II..... | 73 |
| Figura 12 - Mensagem na garrafa..... | 76 |
| Figura 13 - Comentários sobre a Tira mensagem na garrafa, parte I..... | 79 |
| Figura 14 - Comentários sobre a Tira mensagem na garrafa II..... | 81 |
| Figura 15 - Denúncia de aglomeração..... | 83 |
| Figura 16 - Comentários sobre a Tira denúncia de aglomeração I..... | 85 |
| Figura 17 - Comentários sobre a Tira denúncia de aglomeração II..... | 86 |
| Figura 18 - É a quarentena..... | 88 |
| Figura 19 - Comentários sobre a Tira é a quarentena, parte I..... | 92 |

| | |
|--|-----|
| Figura 20 - Comentários sobre a Tira é a quarentena, parte II..... | 95 |
| Figura 21 - Comentários sobre a Tira é a quarentena, parte III..... | 96 |
| Figura 22 - Falta de entendimento..... | 97 |
| Figura 23 - Comentários sobre a Tira falta de entendimento, parte I..... | 100 |
| Figura 24 - Comentários sobre a Tira falta de entendimento, parte II..... | 100 |
| Figura 25 - Comentários sobre a Tira falta de entendimento, parte III..... | 10 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 O GÊNERO TEXTUAL TIRA..... | 16 |
| 2.1 Histórico do Gênero Textual Tira..... | 16 |
| 2.2 Gênero Tira X História em Quadrinhos: algumas considerações..... | 21 |
| 2.2.1 Nomenclaturas utilizadas para o Gênero Tira..... | 24 |
| 2.3 Tira na Era Digital..... | 29 |
| 3 A REFERENCIAÇÃO COMO CATEGORIA TEÓRICA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL..... | 39 |
| 3.1 Linguística Textual: trajetória..... | 39 |
| 3.2 Concepção de texto | 42 |
| 3.3 Referenciação | 45 |
| 3.3.1 Processos referenciais..... | 50 |
| 3.3.2 Processos correferenciais..... | 51 |
| 3.3.3 Processos não-correferenciais | 55 |
| 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 58 |
| 4.1 Delimitação do Corpus | 58 |
| 4.2 A Rede Social <i>Instagram</i> | 60 |
| 4.3 Processo de Coleta do Corpus..... | 63 |
| 4.4 Tratamento dos Dados..... | 64 |
| 5 PROCESSOS REFERENCIAS EM TIRAS DO <i>INSTAGRAM</i> SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19..... | 66 |
| 6 CONCLUSÃO | 102 |
| REFERÊNCIAS | 107 |

1 INTRODUÇÃO

É por meio do texto que muitas relações comunicativas acontecem em nosso cotidiano. Existe uma grande quantidade de textos. Dada esta diversidade é que os tipos de textos foram categorizados através dos gêneros textuais. Tais gêneros nos são dados, conforme Bakhtin (2011, p.282), “quase da mesma forma com que nos é nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”. Desta forma, ao longo do tempo foram se construindo variados tipos de gêneros textuais, sendo observadas as características próprias dos textos, tais como: conteúdos, estilo verbal e formas composicionais específicas.

Entretanto, é preciso ter a compreensão de que um texto não se materializa somente por meio de formas linguísticas, existem diferentes semioses que colaboram para a construção textual. Cavalcante *et al.* (2019) consideram que os sistemas semióticos que existem na comunicação correspondem a diversos recursos utilizados, tais como os verbais e não verbais. Vale afirmar que partimos da ideia de que texto é toda forma de comunicação que se faz possível construir sentidos. Para exemplificar temos as peças teatrais, a dança, um concerto, que repassam sua mensagem de mundo utilizando o texto multissemiótico.

Uma vez que textos multissemióticos estão cada vez mais frequentes na sociedade contemporânea e percebendo a necessidade de trabalhar com gêneros textuais com essas características, nos propusemos a realizar este estudo sobre o gênero Tira. O primórdio deste gênero está no jornal impresso, mas, tendo em vista o universo das redes sociais digitais, ele passou comumente a habitar o contexto digital. Nosso *corpus* é constituído de Tiras publicadas na rede social *Instagram*.

Consideramos importante pesquisar sobre o gênero Tiras, uma vez que, mesmo estando em diversos espaços de leitura atualmente, ainda existem poucos estudos sobre este gênero. O trabalho com Tiras, mostra-se relevante por retratar a importância do estudo da linguagem não verbal na construção dos sentidos, pois, durante a leitura do texto verbal e do texto não verbal, há uma contínua articulação entre eles que é essencial para a constatação de sentido.

A partir deste estudo, buscamos responder às seguintes perguntas:

como se realiza o processo de referenciação em Tiras na rede social *Instagram*? De que maneira esse processo se manifesta através da semiose não verbal, colaborando para a construção de sentido das Tiras?

Tendo em vista o problema de pesquisa levantado, temos como objetivo geral investigar o fenômeno da referenciação em Tiras do *Instagram*, com foco na construção de sentido realizada pela linguagem verbal e não verbal. Já os objetivos específicos são:

a) Identificar os processos de referenciação que são utilizadas em Tiras do *Instagram*;

b) Interpretar os processos referenciais do texto, destacando os processos cognitivos necessários para que o leitor recupere os referentes do texto as expressões multissemoses presentes no texto são fundamentais no processo de compreensão do texto.

c) Apresentar as possíveis compreensões de usuários do Instagram através dos comentários, mostrando assim que as multissemoses presentes no texto são fundamentais no processo de compreensão do texto.

Na leitura de Tiras, assim como em outros gêneros, há a necessidade de se realizar alguns passos, tais como: decodificação, compreensão, interpretação e retenção. Neste percurso há a construção de inferências, logo é relevante o que está explícito e implícito nas Tiras. De acordo com Marcuschi (2008) na compreensão de um texto, é necessário recorrer à inserção no mundo em que vivemos, assim como ao modo de ação que temos neste mundo, o que ultrapassa as fronteiras de ações linguísticas e cognitivas.

Por este viés, constitui-se o fenômeno investigado neste estudo, a Referenciação, temática de interesse da Linguística Textual, disciplina que investiga a construção de referentes, responsáveis pela elaboração e a compreensão do texto.

Os estudos sobre referenciação foram iniciados a partir de meados de 1990, e teve, como seus primeiros estudiosos, Lorenza Mondada, Danièle Dubois, Denis Apothéloz, Reichler-Béguelin, entre outros autores. Foi através dos estudos referenciais que se teve a compreensão de que os objetos de discurso são incorporados, mantidos e recuperados no decorrer do texto. Mondada e Dubois (2003) defendem que, quando há comunicação, seja ela através da fala ou da escrita, necessariamente usamos objetos de discurso, pois,

através da língua, se nomeiam os referentes utilizados na construção dos sentidos textuais.

Compreendemos que os estudos sobre textos multissemióticos são relevantes e necessários no âmbito da linguagem, pois analisar outras semioses é viável para as pesquisas acadêmicas. Perceber então, como o fenômeno da referenciação acontece nestes universos, tais como a Tira é fundamental para entendermos como os sentidos se constroem nos textos.

A elaboração e a compreensão do texto se concretizam com o fenômeno da Referenciação. Diante disso, faz-se necessário investigar como os processos referenciais se realizam em Tiras publicadas no universo digital, mais especificamente na rede social *Instagram*.

Para realizar este estudo, temos, como embasamento teórico, os trabalhos de Marcuschi (2008), Fávero e Koch (2012); Bentes (2017), Koch (2002, 2009, 2010), Beaugrande (1997), Koch e Elias (2016), para tratar dos estudos da Linguística Textual (LT), pois, para que possamos adentrar nos estudos da Referenciação, se faz pertinente uma introdução sobre a LT, visto que os fenômenos referenciais são estudados nessa área de estudos.

No que tange aos trabalhos mais relevantes sobre a Referenciação, temos por base os trabalhos de Mondada e Dubois (2003), Koch (2004), Cavalcante (2011, 2017), Custódio Filho (2011) e Matos (2018). Nestes autores encontramos importantes conteúdos que colaboram com nosso estudo. Em relação ao gênero Tira, destacamos os estudos de Ramos (2012, 2017, 2020), Luyten (1985), Nicolau (2013), Vergueiro (2006), Eisner (2012), entre outros.

No que se refere à metodologia utilizada nesta dissertação, fizemos inicialmente uma construção do estado da arte sobre os assuntos abordados no referencial teórico, em especial sobre o gênero Tira e Referenciação. Nossos dados se constituem de Tiras sobre a pandemia do COVID-19 postadas em páginas da rede social *Instagram*. Para nossas análises adotamos o método qualitativo. Para Minayo (2012), a pesquisa qualitativa tem como verbo principal compreender. A autora destaca que para que exista compreensão o pesquisador tem que ter a capacidade de se colocar no lugar do outro. A autora enfatiza que: “para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total”. (MINAYO, 2012, p. 623)

Além da Introdução e da conclusão, organizamos esta dissertação em quatro capítulos: no segundo capítulo, abordamos a concepção de gênero textual que norteia esta pesquisa e que respalda a descrição do gênero Tira. O capítulo seguinte, A Referenciação como categoria teórica da Linguística Textual corresponde aos estudos da referenciação e do texto sob a perspectiva sociocognitiva interacional. Apresentamos ainda, as relações existentes entre o processo de referenciação e os conceitos de modelos cognitivos.

No quarto capítulo, passamos aos procedimentos metodológicos, no qual evidenciamos a delimitação e coleta do *corpus*. Detalhamos o local de coleta dos dados e os procedimentos realizados para tratamento das Tiras. Após apresentarmos nossas escolhas metodológicas, passamos para a seção de Análise de dados. Neste capítulo realizamos a análise do *corpus* selecionado, tendo em vista todo o conteúdo tratado nos capítulos anteriores. Tendo sido postas estas seções, passamos para o nosso capítulo final, a conclusão da pesquisa.

2 O GÊNERO TEXTUAL TIRA

Neste capítulo, realizamos uma apresentação sobre o gênero Tira. Para isso, consideramos importante mostrar o histórico desse gênero textual, pois ele está conectado ao caminho percorrido pelo gênero história em quadrinhos. Tendo em vista as raízes históricas de Tira e HQ, tecemos algumas considerações sobre ambos os gêneros. Em seguida, apresentamos a diversidade de nomenclaturas utilizadas para o Gênero Tira. Ao final do capítulo, de modo complementar, discorreremos sobre Tira na era digital.

2.1 Histórico do Gênero Textual Tira

Antes de traçarmos o percurso histórico deste gênero se faz pertinente tecermos considerações sobre sua nomenclatura. Ramos (2012) entende que a nomenclatura história em quadrinhos funciona como o “grande rótulo”, englobando todos os gêneros textuais que apresentam suas narrativas por meio de quadrinhos. Neste sentido, compreendemos que o Gênero Tira se atrela às histórias quadrinhos (doravante HQ), sendo um segmento da outra. Assim, justificamos o motivo das informações que serão apresentadas enquadrarem ambos os gêneros.

É possível perceber que, desde a pré-história, têm-se vestígios de uma arte marcada pela imagem. As pinturas rupestres contavam sobre o dia a dia de um povo. Estamos nos referindo a uma narrativa por meio de imagens que acaba por se enquadrar como uma “arte sequencial”, o que se enquadra na definição de história em quadrinhos proposta por Will Eisner (2012).

No entanto, as primeiras marcas históricas deste gênero mostram que suas origens se centralizam nos Estados Unidos. Nicolau (2013) aponta que seu surgimento está ligado ao momento em que os jornais impressos da época perceberam a necessidade de apresentarem novidades em seus exemplares. É com o desenvolvimento da mídia impressa, que ocorreu no final do século XIX, que podemos marcar o surgimento das histórias em quadrinhos.

A primeira História em Quadrinhos publicada em jornal foi escrita por Richard Outcault em 1895, intitulada “Yellow Kid” no jornal *New York World*. Após esta publicação, as histórias em quadrinhos saíram do anonimato o qual viviam e passaram a ter espaço garantido em um veículo de comunicação de

grande visibilidade, os jornais. “[...] os quadrinhos, que antes eram editados somente em álbuns ou livros, passam a ser divulgados por um veículo de comunicação de massa [...]” Luyten (1985, p.18). A publicação desta HQ no jornal gerou o que podemos chamar de uma disputa pelos proprietários dos principais jornais dos EUA da época, que eram os jornais *New York World* e *New York Journal*, cujos proprietários são Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, respectivamente.

O proprietário do *New York Journal*, percebendo o sucesso da HQ “Yellow Kid” no jornal concorrente, buscou meios de também publicar quadrinhos em seu jornal. Para isso, ele contratou, rapidamente, os serviços de Richard Outcault, o autor que fez a primeira HQ para o outro jornal, para que ele criasse o que seria seu segundo sucesso no mundo dos quadrinhos, a HQ “O garoto Buster Brown”.

A respeito deste primeiro criador de HQ, é importante esclarecer que ele não é considerado o inventor das histórias em quadrinhos:

Outcault, no entanto, não inventou a história em quadrinhos. Na verdade, ela já existia em estado latente e convergia para o ponto de partida pelo trabalho de vários autores que estavam mais ou menos no mesmo momento criativo. O mérito de Outcault está no fato de ter sido ele quem primeiro realizou essa síntese e introduziu o balão, que é, sem dúvidas, o elemento que define a história em quadrinhos como tal. (LUYTEN, 1985, p.18)

Esclarecemos que existe discordância na literatura quadrinista quanto ao primeiro criador de HQ. Os estudos de Moya (1993) e Innocente (2005), apontam que as primeiras histórias em quadrinhos veiculadas em jornal devem-se a Angelo Agostini, um imigrante italiano que fora naturalizado brasileiro.

A princípio, as HQ tinham seu espaço reservado nos jornais apenas aos domingos, e os assuntos retratados tinham o objetivo de fazer os leitores se divertirem. Havia desenhos em aspectos de caricaturas. A respeito disso, Vergueiro (2006, p. 10) nos diz que:

Despontando inicialmente nas páginas dominicais dos jornais norte-americanos e voltados para as populações de migrantes, os quadrinhos eram predominantemente cômicos com desenhos satíricos e personagens caricaturais. Alguns anos depois, passaram a ter publicação diárias nos jornais - as célebres tiras - e a diversificar suas temáticas [...]

Conforme destacado, foi apenas com o passar dos anos que as HQ

passaram a ser publicadas diariamente, tendo-se, então, a criação da primeira *daily strip* (tira diária). O título da primeira Tira teve como nome “Mr Mutt”, mas, cerca de um ano depois da sua publicação, o título foi alterado devido à inserção de um novo personagem, nomeado Jeff, passando então a receber o nome “Mutt and Jeff”, de criação de Bud Fisher. Entendemos, que a Tira diária fortificou o caminho das HQ, corroborando para uma verdadeira ascensão como fenômeno social.

Os famosos jornais americanos tiveram caráter incipiente na solidificação das HQs. No entanto, foi no início do século XX, no ano de 1912, que William Randolph Hearst criou o primeiro “*Syndicate*”, que teve grande contribuição para a distribuição em massa das HQs em todo mundo.

Os syndicates, além de possuir direitos sobre os trabalhos dos desenhistas (direitos sobre a venda e a distribuição), funcionam como agência de veiculação das histórias, preparando e emitindo milhares de matrizes a serem vendidas não só nos EUA como também em outros países. São responsáveis por alguns cuidados, ou seja, devem seguir um código de ética: as histórias não podem ofender nenhum leitor; não devem conter palavras explícitas, que poderão ser substituídos por sinais convencionais; não devem conter sugestões de imoralidade; devem evitar controvérsias quanto à religião, raça ou política; devem evitar cenas de violência com mulheres, crianças e animais, não devem incentivar o crime, que será punido. (FURLAN, 1984, p. 29)

Expandida para diversos países, as HQ conquistaram cada vez mais leitores e o número de quadrinistas também aumentou consideravelmente.

No que tange às características, como já dito, desde as primeiras HQ que foram lançadas, o humor se fez presente. Inicialmente as histórias apresentadas nos quadrinhos tinham como características possuírem humor, além de um caráter de fácil entendimento e assimilação. A intencionalidade era divertir o público.

As Tiras, por sua vez, apresentavam críticas a assuntos que geralmente não eram criticados em outros gêneros textuais. Além disso, o último quadro das Tiras sempre trazia uma situação inesperada e cômica. Assim, a crítica aos bons costumes da época e o final inesperado e engraçado são características desse gênero. Como já dito, o caráter inicial era humorístico, mas, com o tempo, o humor deixou de ser o objetivo principal. Não mais se queria somente entreter, não mais se queria apenas fazer os leitores rirem, outros

objetivos eram desejados.

A história com mais destaque desta época é "Pafúncio e Marocas", do autor George McManus. A HQ obteve destaque internacional. Neste mesmo período, na década de 20, os cenários das histórias passam a ser mais elaborados, tanto na parte dos mobiliários, como das vestimentas e dos personagens.

No que se refere à década de 30, Campos e Lomboglia (1984) explicam que foi um período considerado como "idade de ouro" para os quadrinhos. Tem-se neste período o estabelecimento de histórias no campo da fantasia, da ficção científica, e histórias que retratavam aventuras apresentadas nas narrativas em quadrinhos. No fim desta década surge o super-homem, seguido de um grande grupo de super-heróis conhecidos até hoje.

Os anos que seguem após a Segunda Guerra Mundial são marcados por um declínio dos quadrinhos norte-americanos. De acordo com Barreto (2008, p. 48), "todos os quadrinhos começaram a ser marginalizados, pois se levantou a hipótese de que esse tipo de leitura ameaçava a juventude norte-americana, influenciando o comportamento desses sujeitos". Um dos motivos que contribuíram para isso foi a publicação do livro "Sedução dos Inocentes", do Dr. Frederic Wertham em 1954 que continha ferozes críticas às histórias em quadrinhos. Trata-se de uma obra que intensifica desconfiança e preconceito com as narrativas quadrinistas, pois acusa os quadrinhos da época de colocarem em perigo as crianças.

Outros dois motivos são acrescentados a esta marginalização: o primeiro é a saturação dos leitores com temas como aventuras, conquistas e massacres; o outro foi uma verdadeira perseguição a personalidades norte-americanas, inclusive à classe artística realizada pelo senador McCarthy. "Gerou-se uma onda moralista que, em relação a HQ, colocou em questão o caráter, a transmissão de cultura, a política e até a sexualidade das suas personagens" (FURLAN, 1984, p.31).

Dado este cenário, foi estabelecido um novo código de ética aos *syndicates*, o que trouxe muita rigidez, fazendo com que alguns autores abandonassem seus trabalhos. Sobre o quesito censura, Furlan (1984) aponta que isso foi habilmente contornado, o que permitiu que muitas pessoas continuassem acreditando nos quadrinhos. Em seguida, a autora correlaciona o

movimento “*underground*” vivido nas HQ a fatos como a Guerra do Vietnã e o movimento “*hippie*” que, de certo modo, trouxe uma abertura a alguns temas considerados tabus: drogas, movimentos minoritários, liberdade sexual, consumismo, movimento feminista, homossexualismo etc.

As Tiras ganharam espaço e logo foram levadas para outros países. Muitas fizeram sucesso mundial, como é o caso das produções de Peanuts, de Charles Schulz, que foram publicadas de 1950 até 2000. No Brasil o personagem central das Tiras é Minduim ou Charlie Brown como também é conhecido por aqui. A Tira obteve tamanho sucesso que foi levada para a televisão e para o cinema. Outra Tira que ganhou o mundo – por que não dizer as pessoas - é Mafalda, do argentino Quino. Estas Tiras, além de possuírem fama mundial, carregam, no seu enredo, uma questão atemporal. Facilmente Tiras pensadas em uma outra época podem ser contextualmente relacionadas à contemporaneidade.

No Brasil, na década de 1930, existiu uma produção de quadrinhos dita brasileira, com os personagens Reco-reco, Bolão e Azeitona. No entanto essas produções se encaixam no gênero HQ, pois eram veiculadas em revistas e seguiam o padrão deste gênero.

Nicolau (2013, p.31) aponta que “as primeiras produções de Tirinhas veiculadas em jornal são creditadas a Maurício de Sousa com as histórias do cãozinho Bidu, em 1959 publicadas no Folha de S. Paulo.” Após esta Tira, muitas outras foram criadas pelo autor; suas Tiras atingiram uma enorme proporção e seus personagens ficaram mundialmente conhecidos, como por meio da famosa Turma da Mônica.

A partir de 1960, por meio do jornal *O pasquim*, Henrique de Sousa Filho, o Henfil, publicou Tiras que tinham como personagens Graúna e os Fradinhos. Graúna, por exemplo, era um simpático passarinho que trazia, em seus balões de fala, valores críticos. “O teor crítico contido nas tirinhas de Henfil, principalmente através de suas histórias satíricas e irônicas, tornou-se uma das principais características das produções brasileiras até hoje” (NICOLAU, 2013, p. 33).

Nos anos 1980, o Jornal Folha de S. Paulo intensificou as publicações de Tiras. Por ser um jornal que tinha uma tiragem elevada, isso colaborou muito para que muitas delas chegassem ao público leitor. Neste mesmo período a

agência Funarte (Fundação Nacional de Artes), que estava sob o comando de Ziraldo, atuou também como *syndicate* de Tiras brasileiras.

A produção de Tiras em nosso país conta com grandes desenhistas. A respeito disso, Steffen (2017, on-line), em matéria sobre as melhores Tiras brasileiras para o site Vírgula, destaca os seguintes desenhistas: Henfil, Mauricio de Sousa, Ziraldo, Angeli, Glauco, Laerte, Fernando González, Adão Iturrusgarai e Allan Sieber.

Se no início o espaço das Tiras em quadrinhos era limitado a jornais, hoje elas ocupam espaços variados, desde os livros didáticos a provas de vestibulares e concursos públicos. E, com o advento da tecnologia, as Tiras se desenvolveram bastante, elas estão cada vez mais próximas das pessoas através das redes sociais digitais.

As Tiras apresentam temáticas sociais que levantam bons questionamentos e discussões. A respeito disso, Santos e Rossetti (2012, p. 94) apontam que os quadrinhos, “[...] passaram a abordar temas sociais, políticos e existenciais, dirigindo-se a um leitor mais informado, crítico e instruído”. Os gêneros Tiras e HQ mesmo tendo passado por momentos em que as pessoas não aprovaram o gênero, trazem para a sociedade assuntos com teor crítico significante.

2.2 Gênero Tira X História em Quadrinhos: algumas considerações

É pertinente que sejam elencados alguns esclarecimentos sobre os gêneros “Tira” e “História em Quadrinhos”. Começamos destacando que os dois gêneros possuem muitas características em comum, dentre as quais ressaltamos as seguintes: as narrativas apresentam-se em quadros; ambos possuem linguagem verbal e não verbal; presença de cenário; personagens; balões; onomatopeias e sinais cinéticos. No que se refere às temáticas abordadas, desde sua origem, versam sobre humor. Por muito tempo essa foi a única temática destes gêneros, no entanto, muitas Tiras e Histórias em Quadrinhos começaram a apresentar em suas narrativas um ponto de vista crítico de situações do cotidiano, levando os leitores a refletirem sobre as problemáticas do mundo contemporâneo.

Evidenciadas algumas semelhanças, levantamos o seguinte questionamento: qual a diferença entre estes gêneros? A respeito do assunto,

Nicolau (2013) explica que a narrativa das Tiras é isolada de um todo, ou seja, não exige uma narrativa contínua, existe como ato individual. O autor enfatiza que as Tiras têm uma sequência de três ou quatro quadros, possuem a sua contextualização com a vida cotidiana. Assim, desde o momento de idealização das Tiras, elas são pensadas para terem uma breve narração. Por sua vez, as Histórias em Quadrinhos são roteirizadas, narradas e diagramadas em narrativas maiores.

No que se refere ao número de quadros que compõem uma Tira, a constatação do autor não é mais sustentável no cenário atual. Os suportes digitais, onde as Tiras se apresentam, oferecem muitas opções no que se refere à quantidade de quadros que elas podem possuir e o seu formato de apresentação. Ramos (2020, on-line), no Minicurso *Tiras no Ensino*, oferecido de forma on-line pela Parábola Editorial nos diz que, “as Tiras têm formato variável, elas podem ter tamanhos variados”.

Uma outra questão a ser destacada se refere ao processo de criação destes gêneros. As Tiras, diferentemente das HQ, possuem um caráter quase que imediatamente relacionado ao contexto sociopolítico-cultural. Esse caráter instantâneo das Tiras vem sendo ratificado, principalmente na era digital, momento em que as muitas Tiras são apresentadas quase que no mesmo momento em que os fatos acontecem. Vejamos a Tira a seguir, postada na página “Tirinha Nerd” do Instagram no dia 02 de maio de 2021.

Figura 01: Morte do mundo



Fonte: *Instagram @tirinhanerd*

A Tira foi publicada após o então ministro da economia do Brasil, em reunião do Conselho de Saúde Complementar, que foi realizada no dia 27 de abril de 2021, fazer as seguintes afirmações durante sua fala: 1) a pandemia não foi a responsável por tirar a capacidade de atendimento do setor público, mas sim "o avanço na medicina" e "o direito à vida"; 2) "Todo mundo quer viver 100 anos, 120, 130 (anos)"; 3) "não há capacidade de investimento para que o Estado consiga acompanhar" a busca por atendimento médico crescente; 4) o Estado "quebrou" e, diante da escassez de recursos do sistema de Saúde, o setor público não terá capacidade de atender à demanda crescente por atendimento da população.

A Tira que apresentamos como exemplo foi publicada após seis dias das afirmações feitas pelo ministro, logo retoma as frases ditas pelo ministro Paulo Guedes.

As histórias em quadrinhos, por serem maiores, precisam de mais elaboração. Portanto, mesmo que versem sobre assuntos atuais, muitas vezes, seu caráter instantâneo não é tão imediato quanto o das Tiras.

Considerando as observações feitas até aqui, entendemos que Tiras

e HQ possuem mais semelhanças do que diferenças. Ramos (2011) entende que os Quadrinhos seriam um grande rótulo para estes gêneros. Essa afirmação leva a uma discussão que nos permite questionar: se os quadrinhos são um grande rótulo, temos dois gêneros e não apenas um? Em nossa concepção, existe uma linha tênue entre os dois gêneros, linha esta que existe devido os “gêneros serem relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Destacamos a expansão narrativa de uma HQ como fator que consideramos importante para caracterizar este gênero. Um exemplo é a quantidade de filmes que se baseiam em Histórias em Quadrinhos, conforme nos mostra Lisboa (2021) na matéria “11 filmes inspirados em histórias em quadrinhos”, entre os filmes destacados estão: “O máscara” (1994), “MIB – Homens de preto” (1997) e “Azul é a cor mais quente” (2013).

Os dois gêneros são parecidos, no entanto estamos nos referindo a dois gêneros diferentes que possuem suas particularidades, conforme demonstramos.

Em relação à questão dos esclarecimentos iniciais sobre Tiras e Histórias em Quadrinhos, encerramos nossas considerações, e passamos, a seguir, a uma outra questão que será evidenciada sobre o gênero Tira, que se refere à diversidade de denominações que podem ser encontradas nas literaturas existentes e usadas pelas pessoas. Esta variedade de designações ao gênero estudado contribuiu para que surgisse uma diversidade de terminologias.

2.2.1 Nomenclaturas utilizadas para o Gênero Tira

Quando nos propomos a estudar o gênero Tira, percebemos a diversidade de terminologias utilizadas para designá-lo. Mesmo que sempre tenhamos visto e ouvido tais variedades, isto, em geral, não costuma ser considerado relevante para nós enquanto leitores do gênero. A palavra Tira tem íntima relação com seu formato, pois é nítido que, desde quando eram veiculadas nos jornais impressos, apresentavam uma narrativa distribuída em textos e imagens em uma Tira reta.

Neste sentido, cada vez mais as Tiras passaram a ocupar novos espaços e atingirem um público cada vez maior. Isso foi importante para que os próprios leitores e criadores começassem a utilizar designações diferentes para

este gênero. Uma outra nomenclatura, tão conhecida quanto a forma Tira é o termo Tirinha. Ambas as designações são muito utilizadas em nosso país e reconhecidas pelo público.

No tocante a isso, Ramos (2017, p.39) diz que:

O que se percebe é que a palavra “tirinha” começou a se popularizar neste século. Um dos motivos possíveis disso deve ser creditado à internet e à forma como autores, leitores e editores passaram a se referir a esse formato de produção de história em quadrinhos. Materiais didáticos, documentos oficiais relacionados ao ensino e produções acadêmicas, que também registram o termo “tirinha”, parecem refletir esse uso difundido virtualmente.

No entanto, as designações não se resumem a essas. O que acontece é que a própria designação Tira passou a receber acréscimos de outras palavras. Consideramos ser pertinente a pesquisa de Ramos (2013) sobre a instabilidade da nomenclatura deste gênero. Ao analisarmos esse estudo, percebemos que Tira e Tirinha são palavras entendidas como sinônimas, ambas são basilares para designar o gênero. Diante das palavras bases, uma segunda palavra é adicionada para referir-se ao gênero.

Ramos (2013) apresenta em seu estudo um quadro por meio do qual é possível perceber a grande diversidade de expressões utilizadas para referir-se ao eixo Tira/Tirinha.

Quadro 01: Quadro de expressões sinonímicas de Tira/Tirinha

| NOME | NÚMERO DE OCORRÊNCIAS |
|-----------------------|-----------------------|
| Tira | 863.000 |
| Tirinha | 515.000 |
| Tira cômica | 92.600 |
| Tira de jornal | 61.200 |
| Tira de quadrinhos | 45.200 |
| Tira em quadrinhos | 43.700 |
| Tira diária | 31.900 |
| Tirinha em quadrinhos | 20.600 |
| Tirinha de jornal | 4.950 |
| Tira de humor | 4.180 |
| Tira humorística | 571 |
| Tira jornalística | 38 |

Fonte: Ramos (2013, p.1282)

O quadro mostra os resultados de uma pesquisa virtual feita por

Ramos no ano de 2012 no site de buscas *Google*. Os resultados mostram as designações encontradas para o gênero Tira e o número de ocorrências de cada designação. Nesse estudo, centramos as atenções apenas nas designações apresentadas no quadro. Ramos (2013, p. 1282) “confirma que existe de fato, uma tendência a usos plurais para se referir às Tiras no Brasil.” Observamos que, além das terminologias “Tira” e “Tirinha”, outras dez nomenclaturas aparecem no quadro acima: todas elas acrescentaram uma segunda palavra às designações basilares.

As Tiras já existem desde o início do século XX, mas as pesquisas linguísticas a seu respeito são consideradas recentes. Algo que chama atenção dos estudiosos é esta diversidade de termos sobre os quais não se tem uma única justificativa. O que percebemos é que o complemento acrescido ao gênero Tira ou Tirinha relaciona-se à impressão precípua que se deseja passar a respeito da Tira. De acordo com o que constatamos, parece haver a necessidade de destacar a linguagem utilizada (característica), o teor temático ou o ambiente de vinculação da Tira na própria nomenclatura. A respeito disso, Ramos (2013, p. 1288) explicita que:

[...] os complementos das expressões tendem a revelar o enfoque que se pretende dar às tiras ou o olhar que se tem sobre elas, ora vinculadas ao campo jornalístico, ora ao humor, ora à linguagem dos quadrinhos. A necessidade de se atribuir um desses complementos temáticos pode funcionar como uma espécie de reforço ao termo de base, de modo a orientar o leitor para onde o autor quer levar seu texto. Um exemplo hipotético: um pesquisador que queira observar a circulação de tiras extraídas dos cadernos diários dos jornais, tenderia a dar destaque à expressão “tira jornalística” ou outra equivalente.

Além das nomenclaturas elencadas no estudo de Ramos (2013), identificamos durante a composição do estado da arte deste estudo a existência de outras ocorrências, foram elas: Tira de aventura; Tira seriada; Tira episódio; Tira livre. As ocorrências Tira de aventura e Tira seriada foram encontradas em Ramos (2009); Tira episódio, em Mendonça (2010) e Tiras livre em Ramos (2016).

Percebemos que a designação Tira de aventura possui o termo “aventura” que é a base da narração dessas Tiras. Sobre esta nomenclatura, Santos e Vasquez (2017, p. 245) destacam que, “As Tiras cômicas tinham uma narrativa autoconclusiva, as de aventura apresentavam a cada dia um instante

de uma trama maior, que levava meses para ser concluída.” De acordo com os autores, as tramas apresentadas através das Tiras duravam meses até terem toda a narrativa publicada. Esse fato permite uma associação desta designação com as três formas seguintes: Tira seriada, Tira episódio, Tira cômica seriada. Coadunado com esta associação, Ramos (2010) explica que:

Outro gênero que começou a ser tateado na década de 1920 e, principalmente, a partir de 1930 foi a **tira seriada**, também chamada por muitos autores como “**tira de aventuras**”. Tais histórias tinham como singularidade a narrativa relatada em **capítulos diários**, como se fosse uma novela. A cena que encerra a ação era retomada, desse ponto, no dia seguinte. E assim sucessivamente. Uma mescla das duas formas de produção gerou um terceiro gênero, que temos chamado de **tira cômica seriada**. Trata-se de uma tira humorística com desfecho inesperado, mas inserido em uma narrativa maior – se a história for lida episódio após episódio. (RAMOS, 2010, p. 02 - grifo nosso)

Em um outro estudo, Ramos (2013) retorna a esta pauta e aponta que tais Tiras não são mais vistas nos jornais. O autor ressalta também que, durante um tempo, esse tipo de Tira foi muito popular em nosso país e que ainda existe nos Estados Unidos.

Para finalizarmos as designações abordadas nesta pesquisa, trazemos a designação Tira livre. A palavra "livre", é um vocábulo que é acrescentado à denominação Tira, remete à ideia de que não há um padrão estabelecido a ser seguido. Logo, sabemos que, no que se refere à temática das Tiras, desde seu início, o cômico foi objetivo instaurado.

No entanto, é perceptível que há uma fuga deste padrão em muitas Tiras. Outros elementos das Tiras também são deixados de lado, como formato, elementos gráficos e tamanho. Ramos (2016) em pesquisa sobre "Tiras livres", aponta que esse novo modo de produção passou a ter destaque no Brasil a partir de 2005 através das produções de Laerte com as Tiras de “Piratas do Tietê”. Percebemos que, nas Tiras livres, o autor coloca em evidência outras situações. Assim, temos Tiras que nascem para provocar outras experiências no leitor, e não mais apenas o riso. A nível de demonstração, apresentamos uma Tira livre da série “Nada com coisa alguma”, de José Aguiar:

Figura 02: Do outro lado



Fonte: Instagram @quadrinhofilia

A Tira apresenta-se de forma vertical e possui três quadros. Há a presença de três personagens que emitem um discurso que gira em torno da forma de ler uma Tira, mencionando assim uma quebra no padrão ocidental de ler Tiras, que é da esquerda para direita. O conteúdo dessa Tira faz, assim, uma referência ao padrão de leitura de Tiras de alguns países orientais como o Japão que leem de forma oposta aos ocidentais, da direita para a esquerda. A personagem do quadrinho intermediário, assim como os leitores da Tira, fica confusa, pois não percebe a diferença em ler em direções opostas, pois o conteúdo é o mesmo, criando um círculo vicioso. Além desse mais denotativo, a Tira também faz referência a contextos de indecisão, em que um interlocutor joga a decisão para o outro. Logo, outros sentidos podem ser construídos por outros leitores.

Na obra *Tiras livres: um novo gênero dos quadrinhos*, Ramos (2016) nos mostra, na parte final do livro, um depoimento sobre o gênero de José Aguiar, criador da série *Nada com Coisa Alguma*. Na oportunidade, o criador da Tira exemplificada acima nos diz que:

Em *Nada Com Coisa Alguma*, eu brinco com linguagem, tempo, espaço, formato e estilo de desenho. É um laboratório sem compromissos fixos entre o leitor e eu. É um trabalho solto onde me divirto. Nela posso fazer qualquer coisa que queira. Inclusive improvisar. Melhor ainda, fazer coisas que são possíveis apenas em quadrinhos. Mesmo no “limitado” espaço de minha tira, que hoje me é cada vez mais infinito (RAMOS, 2016, p.74).

A Tira livre, assim como todas as outras designações apresentadas nesta seção, são suficientes para representarem as inúmeras formas existentes

que fazem referência a expressão inicial Tira. Sobre a nítida junção de palavras ao eixo Tira/Tirinha, salientamos que muitos são os fatores que influenciam para que uma palavra seja acrescida. Um fator determinante é a nomenclatura utilizada pelo criador da Tira, pois ele, enquanto criador, conceitua sua Tira com a opção que ele mais julgar apropriada. A título de exemplo, temos o desenhista Laerte que iniciou a vertente Tiras livres aqui em nosso país.

Um outro fator responsável por novas designações destinadas ao gênero Tira é o contexto digital, pois hoje as Tiras permanecem tanto nos suportes impressos como nos suportes digitais. Pensando no ambiente digital que as Tiras estão inseridas, entendemos ser pertinente para esta pesquisa abordarmos a Tira no universo digital. Sendo assim, será feita uma análise de um conjunto de Tiras que estão no ambiente digital, assim como serão vistas outras designações destinadas às Tiras que se vinculam na *web*.

2.3 Tira na Era Digital

Como já evidenciado nesta pesquisa, a origem das Tiras encontra-se em um suporte de leitura impresso, o jornal. No entanto, este suporte há algum tempo não é mais o único meio de comunicação que oferece espaço para a vinculação de Tiras. Aos poucos outros suportes cederam espaço para as Tiras.

Com o surgimento da internet, as Tiras também passaram a ser veiculadas em ambientes digitais. Sabemos que os computadores pessoais acabaram por alterar muitos aspectos da vida do ser humano, entre eles o modo de ler. Se antes só era possível realizar leituras através de suportes feitos de papel, isso mudou consideravelmente e as telas dos computadores passaram a oportunizar isso. Assim, hoje é possível realizarmos leituras e diversas outras atividades que envolvem leitura e escrita até mesmo por meio de nossos celulares. A sociedade é consciente de que a internet é a responsável por esta mudança no cenário da leitura mundial.

Se antes as Tiras tinham que se encaixar em uma pequena parte da folha de jornal para serem vistas, a *web* proporciona a elas uma grande vantagem nos quesitos tamanho e localização. Elas podem ser lidas em *blogs*, *sites*, redes sociais etc., basta que o leitor realize uma busca nas plataformas digitais para que um universo de Tiras de variados assuntos se apresente. A

respeito disso, Castro (2016) entende que as Tiras participaram de um gradativo, mas evidente processo “migratório” do suporte impresso para o digital. O autor destaca que essa coexistência abriu um leque de possibilidades para a produção, distribuição e leitura de quadrinhos.

O mundo digital oportuniza uma amplitude estética para o gênero, pois se antes o espaço para elas era limitado, hoje não é mais, o que permite ao autor uma liberdade maior em suas produções. Assim, as Tiras que surgem no espaço *on-line* possuem liberdade criativa quanto a sua estrutura, algo que não possuíam quando eram criadas para os jornais: “o formato e a dimensão das páginas de quadrinhos sempre estiveram condicionados às limitações técnicas impostas pelos processos gráficos de impressão” (MENDO, 2008, p.33). Os leitores não mais precisam ter algo impresso em suas mãos, pelo contrário, existe um hábito maior que é o de compartilhamento nas redes sociais digitais. Logo as Tiras, quando lidas nas redes sociais, permite ao usuário, se assim desejar, fazer o compartilhamento.

Castro (2016), em sua dissertação a respeito das Tiras Cômicas Online, apresenta alguns pontos positivos que ele identificou em suas pesquisas sobre o debate quadrinhos e internet:

- 1) A possibilidade de maior liberdade temática;
- 2) A pluralização de propostas da arte;
- 3) Maior dinamismo na abordagem da página e dos tradicionais “quadros”;
- 4) Progressiva interatividade autor-leitor;
- 5) O custo reduzido, aliado à possibilidade de encontrar o público-alvo;
- 6) Publicação Instantânea;
- 7) Arquivamento dos trabalhos anteriores;
- 8) A adição potencial de contornos estéticos, novos devido ao que a tecnologia digital pode oferecer (CASTRO, 2016, p. 28-29).

Outro benefício proporcionado pela Era Digital às Tiras, direciona-se aos seus autores, pois se antes eles dependiam de espaços nos jornais ou nas revistas em quadrinhos para publicarem suas criações, esta dependência foi eliminada com os suportes digitais. Os criadores da Tiras não recebem dinheiro por postarem suas Tiras, no entanto, eles têm seu trabalho divulgado, o que pode propiciar outros benefícios, tais como, despertar o interesse de editoras de livros por suas produções, concorrerem a prêmios, ou até mesmo divulgar produtos de sua marca, como é o caso do cartunista Carlos Ruas que criou produtos sobre alguns dos personagens de suas Tiras.

Figura 03 - As garrafas USQ



Fonte: *Instagram @umsabadoqualquer*

Durante nossa coleta de dados, identificamos um perfil do Instagram intitulado @tirinhasdorex. Esse perfil contém Tiras desenhadas pelo quadrinista Lucas Moreira, que, através da sua página, pede para os leitores financiarem seu projeto por meio de doações através do Apoia-se¹ e do PicPay,² conforme podemos ver na imagem do *post* de divulgação:

¹ A APOIA.se é uma plataforma destinada ao financiamento coletivo de atividades vinculadas a ações criativas, recreativas, empreendedoras, de cunho social, ambiental ou educacional.

² O PicPay é um aplicativo de pagamentos, funciona como uma carteira eletrônica para transferir valores para contatos e fazer pagamentos em estabelecimentos credenciados (à vista ou parcelados).

Figura - 04 Pedido de financiamento do autor de tira destinado aos leitores



Fonte: *Instagram @tirinhasdorex*

Sobre este espaço que o ambiente digital proporciona, Levy (1999, p.131) enfatiza que, "as comunidades virtuais do ciberespaço oferecem, para debate coletivo, um campo de prática mais aberto, mais participativo, mais distribuído que aquele das mídias clássicas".

Consideramos fundamental o acesso às Tiras disponibilizadas nas redes sociais digitais. É uma grande oportunidade para tantos artistas desta área, que antes não tinham este ambiente a favor da divulgação de sua arte, com a internet isso mudou consideravelmente.

Castro (2016) também elenca dois aspectos negativos sobre quadrinhos na internet, são eles: a conservação de produções digitais e a ausência de um editor. Sobre isso, o autor explica que, se os autores optarem por remover o site no qual as Tiras foram postadas, o trabalho de recuperação será difícil de ser realizado. Quanto ao editor, ele acredita que, por falta de direcionamento, boas ideias podem ser perdidas. Tais motivos são realmente uma preocupação para o universo das Tiras Digitais, tendo em vista que, apesar

dos grandes serviços de armazenamento que a tecnologia nos oferece atualmente, perdas de materiais ainda é uma situação recorrente.

No que se refere às ideias que podem ser perdidas quando as Tiras são repassadas ao editor, entendemos que, assim como pode haver perdas, o inverso pode ocorrer de haver ganhos. Neste sentido, coaduna-se com o seguinte apontamento de Quadrinheiros (2014, on-line):

Nos quadrinhos existem editores lendários como Julius Schwartz, Jim Shooter e Karen Berger, que descobriram a medida certa entre interferir e estimular a criatividade dos artistas. Mas também existem outros mais lembrados pelos maiores tropeços, como Bob Harras e Dan Didio, que excedem a mão na forma de lidar com as equipes criativas.

Quando um texto, neste caso, uma Tira é repassada ao editor, defendemos que este se tornará coautor, pois ele constrói junto com o autor o produto final. Quadrinheiros (2014, on-line) discorre sobre isso e nos diz que:

Toda obra original passa por um processo material de produção que passa por várias mãos e diferentes interesses. O editor tem uma função crucial: ele é o intermediário, coletor, carrasco, protetor ou guia das ideias do autor que, em sua subjetividade artística (ou delírio sem noção) têm pouca sintonia com os gostos ou capacidades intelectuais do público que ele quer que seja alcançado. Sem editor o autor insula. Sem o autor, o editor é um instrumento de precisão sem uso.

Ressaltamos que é preciso considerar o contexto da situação criativa e editorial. Existem situações em que os autores não permitem alterações no seu texto. Além disso, hoje, com o mundo on-line já é possível que o autor de Tiras utilize plataformas disponíveis na web para desenvolver suas produções. Como exemplo, o editor de quadrinhos “Toondoo1”, uma ferramenta gratuita de fácil manuseio, direcionada a pessoas que pretendem criar, editar e compartilhar quadrinhos ou desenvolver seus próprios personagens e narrativas.

Muitas Tiras foram trazidas do ambiente impresso para o digital, o que nos mostra que é possível a inserção de Tiras que foram feitas para o suporte impresso serem apresentadas no ambiente digital. É relevante destacar que, quando Tiras do ambiente impresso são vinculadas às novas mídias digitais, algumas vezes, é preciso fazer ajustes devido ao *layout* do ambiente digital. Percebemos, assim, que esses ajustes podem gerar interpretações diferentes, conforme Muniz-Lima (2022, p.24) destaca “[...] que a construção de sentidos

em contexto digital deve passar, necessariamente, pela observação do tipo de mídia e de seus recursos”.

Scott Mccloud (2005) destaca que a maioria dos quadrinhos on-line consiste simplesmente numa versão digitalizada do quadrinho impresso, ou em quadrinhos que seguem os paradigmas tradicionais da linguagem, mas são divulgados na *web*. É interessante destacar que no ambiente digital os leitores têm interatividade³ com as Tiras que é realizada numa interação que acontece de maneiras variadas diretamente com a rede social *Instagram* entre elas estão a opção de curtir e inserir comentários na publicação.

Inicialmente os blogs foram os primeiros e principais locais de postagem das Tiras, mas com a ascensão das redes sociais, esses ambientes digitais se tornaram um local onde constantemente os usuários leem Tiras. Sobre isso, vejamos as considerações de Nicolau e Magalhães (2011, p. 12):

Agora a produção experimental é livre, ficando a critério do autor e não da formatação dos meios impressos, que tipo de estilo ele irá seguir na transmissão da sua mensagem. Muitas das tirinhas digitais não são mais do que adaptações da imprensa, levadas para o meio digital.

Conforme os autores, as Tiras Digitais possuem uma produção experimental livre. No entanto, por mais que exista esta liberdade, também existem limitações, pois, para que a Tira seja postada em uma rede social, ela precisará se adequar ao formato do *post* da rede. Existe liberdade também quanto ao conteúdo abordado, pois não há mais uma preocupação por parte do autor de necessária aprovação do conteúdo por um editor para que as Tiras possam ser publicadas. No ambiente digital, porém, o conteúdo publicado deve respeitar as diretrizes da Rede Social que está se utilizando. O *Instagram*, por exemplo, pode haver interferência no *post* caso haja, no conteúdo, fotos com nudez, *spam*, assédio e incitamento a atos de violência e terrorismo.⁴

Algumas Tiras publicadas no ambiente digital expandiram no quesito

³ Em Muniz-Lima (2022) a autora assume o conceito de interatividade como um aspecto tecnolinguageiro da interação que implica executar ações diretas, ativas e síncronas entre interlocutores no processo de construção de sentidos e que se apresenta em níveis, em função do controle do conteúdo, do caráter dialógico e da sincronicidade.

⁴ Diretrizes da comunidade *Instagram*: Resumo - Queremos que o Instagram continue a ser um lugar autêntico e seguro para que as pessoas se inspirem e expressem. Ajude-nos a promover essa comunidade. Publique apenas as suas fotos e os seus vídeos, sempre de acordo com a lei. Respeite todos no Instagram, não envie spam nem publique nudez. Disponível em: https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc_fnav.

número de quadros. A quantidade de quadros por Tira passou a ser determinada pelo criador, de acordo com suas ideias e recursos. O exemplo a seguir da Tira da página do *Instagram* @tirinhasdorex, demonstra isso.

Figura 05 - Suspeita de Hermione



Fonte: *Instagram* @tirinhasdorex

Neste exemplo, temos uma Tira que contém 13 quadros. Esse exemplo vai de encontro às Tiras tradicionais, que possuem em média, 3 a 5 quadros. Não há mais como generalizar um tamanho para todas as Tiras. Sobre o tamanho das postagens deste gênero na Internet é abordado por Ramos (2014, p. 101). Segundo o autor:

A entrada dos quadrinhos nos suportes virtuais também ajudou a acentuar a percepção de um formato maior para as tiras cômicas. Com o diferencial de que a tela do computador, do tablet ou do celular permite uma liberdade criativa maior, podendo o desenhista extrapolar as amarras físicas impostas no meio impresso. Parece haver neste século 21 sinais do mesmo experimentalismo presenciado um século antes. A internet, sem dúvida, tem contribuído muito nesse sentido, embora haja ainda registros dos formatos convencionais da tira nos sites e blogs brasileiros. Mesmo assim, já existem casos suficientes,

tanto nos meios impressos como virtuais, para autorizar uma definição que encampe um alargamento na dimensão física da tira.

Para serem postadas em um ambiente *on-line*, os quadrinistas precisam pensar em algumas estratégias. A Tira quando postada deve apresentar um *design* que colabore para uma leitura do usuário/leitor. Entendemos como uma estratégia a possibilidade de alargamento dos quadros, outra possibilidade é a apresentação de Tiras seguindo uma disposição de quadros verticais na sua apresentação.

Há muitas Tiras no universo digital, o número de Tiras feitas para serem propagadas em ambientes mediados pela internet a cada dia só cresce, um dos motivos, como já dito, é devido à oportunidade gratuita que este espaço oferece, o criador de Tiras pode postar sua Tira sem custos em suas redes sociais. Neste sentido, Castro (2016, p. 23) afirma que: “O suporte virtual é que tem servido de base principal para a veiculação do gênero”.

Destacamos que, nas Redes Sociais da web, existe, através do suporte, possibilidade de interação entre os usuários e entre os usuários e o autor da Tira, algo que não é possível nos suportes impressos. A respeito disso, em sua pesquisa sobre interação, Muniz-Lima (2022) propõe que, nas interações em contexto digital, “seja considerado um conjunto de fatores tecnolinguageiros, que envolva, entre outros elementos, o tipo de mídia, o tipo de suporte, os níveis de interatividade e os sistemas semióticos.” (MUNIZ-LIMA, 2022, p. 82). Desta forma, destacamos que as Tiras postadas no *Instagram* oportunizam uma profícua interatividade entre seus usuários. Por isso, em nossa análise, além de considerarmos as postagens, também levamos em conta os comentários⁵ dos seguidores do perfil do qual a Tira foi extraída.

Sobre a leitura de quadrinhos na internet, Naliato (2020), em matéria para o site *Universo HQ*, nos diz que a leitura de quadrinhos de forma virtual aumenta a cada dia. O autor apresenta em seu texto algumas opções para leitura de quadrinhos digitais existentes em nosso país.

⁵ Muniz-Lima e Cavalcante (2021) compreendem que observar os comentários de uma postagem de rede social é visto como importante e necessário para o processo de compreensão do texto. Embasadas neste entendimento decidimos considerar os comentários dos usuários em nossas análises.

No Brasil, há algumas disponíveis para leitores lerem quadrinhos digitalmente. A **Amazon**, com o serviço **Kindle**, tem vários títulos disponíveis. O **Social Comics** é um *streaming* que disponibiliza lançamentos de algumas editoras nacionais, independentes e licencia materiais diretamente para a sua plataforma, como os super-heróis da **Valiant Entertainment** (*Bloodshot*, *X-O Manowar*, *Ninjak* e outros), **Abstract Studios** (*Estranhos no Paraíso* e *Rachel Rising*) e **Hasbro** (*Transformers*). O **Digital Comics** oferece quadrinhos independentes e algumas obras da **Oni Press** e **IDW**. O **Super Comics** é ainda mais uma opção para leitura via *streaming*, com quadrinhos nacionais, *Rick and Morty*, Turma do Pernalonga e outros. (NALIATO, 2020 - grifos do original)

Os gêneros com quadrinhos efetivamente têm seu local garantido no ciberespaço. As Tiras, objeto deste estudo, propagam-se principalmente em redes sociais digitais, como em páginas da rede social *Instagram*, destacamos aqui algumas páginas que publicam Tiras, são elas: @tirinhasnointa, @instirinhas, @tirinhanerd, @tirinhasdorex e @willtirando. A presença das Tiras nesses ambientes gera a seguinte pergunta: Qual designação utilizar para as Tiras vinculadas neste local?

Diante deste questionamento, destacamos a designação “Tiras cômicas on-line”, termo utilizado por Castro (2016). O autor optou por esta designação devido às Tiras que compuseram o *corpus* da sua dissertação possuírem teor cômico e terem sido retiradas de blogs da internet.

Neste âmbito, destacamos os estudos de Nicolau e Magalhães, (2011) intitulado “Tirinhas Digitais: a criação de um novo gênero dos quadrinhos nas mídias digitais.” Neste estudo, os autores discutem sobre qual a nomenclatura viável a ser utilizada para as Tiras que são vistas na internet. Eles usam os seguintes termos: “tirinhas digitais” e “tirinhas online”. Os autores entendem que as Tiras que possuem características únicas fornecidas pelo ambiente cibernético são as **tirinhas digitais**, enquanto as que são produzidas no papel e publicadas na internet, são designadas como **tirinhas on-line**. Em suas considerações finais sobre essa pesquisa, os autores deixam claro que tais nomenclaturas se fazem como um “batismo” provisório. Neste estudo, optamos por utilizar a nomenclatura Tiras, pois consideramos esta forma basilar para o gênero, além de ser facilmente assimilada pelos leitores. Entendemos que ela abrange tanto as Tiras próprias do digital quanto aquelas que são advindas do ambiente impresso.

Há sem dúvida um espaço conquistado pelas Tiras no ambiente

digital. Nitidamente os usuários/leitores reconhecem o gênero quando o visualizam nas redes sociais. Existe uma junção de Tiras neste ambiente: Tiras que foram veiculadas inicialmente nos suportes impressos que se encontram juntas a Tiras que já foram desenhadas pensando no ciberespaço como local de vinculação. Nas Tiras pensadas para o contexto da internet não há o que podemos chamar de amarrações aos modelos tradicionais, que, em um determinado momento da história, foi imposto às Tiras impressas.

Há um agrupamento de Tiras, composto por Tiras originariamente digitais e Tiras que são de origem impressa, mas que se adequam ao ambiente digital. A internet permite a publicação de Tiras quer sejam originárias deste ambiente ou não e coopera para propagação e desenvolvimento do gênero Tira.

Neste capítulo, com foco no gênero Tira, explicitamos os aspectos históricos das Tiras, em seguida, tecemos algumas considerações entre Tira e histórias em quadrinhos, tendo em vista que há tantas semelhanças que algumas pessoas consideram o mesmo gênero. Por conseguinte, elencamos as nomenclaturas utilizadas para o gênero Tira, pois, durante a construção do estado da arte, percebemos a existência de muitas nomenclaturas e que as elucidar era necessário para nosso estudo. Na parte final da seção, discorreremos a respeito da Tira na era digital, pois é neste local que cada dia mais Tiras são publicadas. Isso posto, passamos para o próximo capítulo, o qual discorre sobre o fenômeno da Referenciação, foco da análise de nossa pesquisa pela perspectiva da linguística textual.

3 A REFERENCIAÇÃO COMO CATEGORIA TEÓRICA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Buscando compreender os diversos ramos existentes no estudo da linguagem humana, a Linguística, desde que se consolidou enquanto ciência, precisou se reconhecer e se dividir para conseguir abarcar inúmeros objetos teóricos diferentes oriundos da língua. Tendo em vista as tantas ramificações necessárias, ou seja, tantos ramos de estudo da linguística, foi constituída uma abordagem específica para os estudos do texto: a Linguística Textual (LT).

Sobre o funcionamento da LT, Marcuschi (2008, p. 73) salienta que:

[...] a linguística textual parte da premissa de que a língua não funciona nem se dá em unidades isoladas, tais como os fonemas, os morfemas, as palavras ou as frases soltas. Mas sim em unidades de sentido chamadas texto, sejam elas textos orais ou escritos.

A linguística textual possui muitos teóricos interessados em estudar os fenômenos do texto. No Brasil, destacamos os trabalhos das professoras: Ingedore Koch, Leonor Lopes Fávero, Vanda Maria Elias e Mônica Magalhães Cavalcante. Este interesse corroborou para que fenômenos linguísticos embasados no texto passassem a ser analisados, como é o caso da Referenciação. Consideramos este fenômeno linguístico essencial para o progresso da LT. Entendemos ser necessário além de mostrarmos sobre o fenômeno da Referenciação, apresentarmos o histórico da Linguística Textual e algumas concepções de texto, conforme será visto a seguir.

3.1 Linguística Textual: trajetória

Sobre os primeiros caminhos deste ramo da Linguística, destacamos que seu início data na década de 1960. Geograficamente, seu começo teve raízes na Europa. Conforme afirma Marcuschi (1998), a LT teve seu surgimento de forma independente, em vários países de dentro e de fora da Europa Continental, simultaneamente, e com propostas teóricas diversas.

De acordo com Fávero e Koch (2012), atribui-se a Coseriu a origem do termo Linguística Textual, todavia o autor não teria usado este termo com o mesmo sentido que hoje conhecemos. O uso da expressão com o sentido atual é destinado ao professor Harald Weinrich que escreveu obras consideradas

essenciais para a Linguística Textual, são elas: *Sprache in Texten* (1976), a Gramática textual da língua francesa (1982) e a Gramática textual da língua alemã (1993).

A Linguística Textual teve um desenvolvimento rápido, porém seu objeto de estudo ainda não havia se estabelecido definitivamente, pois o texto enquanto objeto de estudo, de acordo com Marcuschi (2012), ainda era visto apenas como uma unidade linguística superior às frases.

A preocupação inicial desta corrente, direcionava-se exclusivamente aos textos escritos, com afincos para a forma de produção dos textos. Mas, em seu processo de consolidação, a teoria teve suas preocupações direcionadas para outras questões.

Diante da ascensão da LT foi percebido o surgimento de variadas correntes que se desenvolviam com enfoques diferentes no âmbito dos estudos da LT. Fávero e Koch (2012) destacam algumas delas e seus principais estudiosos: análise transfrástica, gramática do texto, textologia (Harseg); teoria do texto (Schmidt); translinguística (Barthes), hipersintaxe (Palek) e teoria da estrutura do texto (Petofi).

Bentes (2017, p. 247) destaca como tais momentos podem ser divididos:

[...] em um primeiro momento, o interesse dominante voltava-se para a análise transfrástica, ou seja, para fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas que ficassem limitadas ao nível da frase; em um segundo momento, com a euforia provocada pelo sucesso da gramática gerativa, postulou-se a descrição da competência textual do falante, ou seja, a construção de gramáticas textuais; em um terceiro momento, o texto passa a ser estudado dentro de seu contexto de produção e a ser compreendido não como um produto acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situação sociocomunicativa; [...]

Koch (2015) no livro *Introdução à linguística textual*, explicita a variedade de concepções de texto que já foram adotadas pela LT desde seu início na década de 60. Koch (2018) cita as seguintes concepções ocorridas de texto: 1) concepção de base gramatical; 2) concepção de base semiótica; 3) concepção de base semântica; 4) concepção de base pragmática; 5) concepção de base discursiva; 6) concepção de base comunicativa; 7) concepção de base cognitivista; 8) concepção de base sociocognitiva-interacional.

A diversidade de correntes, de certa forma, passou a exigir uma definição que pudesse contemplar tamanha abrangência. Nesse sentido, Marcuschi (2012) propõe que a Linguística de texto seja vista da seguinte forma:

Proponho que se veja a Linguística do Texto, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos e orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações a nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. (MARCUSCHI, 2012, p. 33),

Desse modo, a LT não se atém apenas aos aspectos que compreende questões ditas linguísticas do enunciado, mas também a outros que estão e são envolvidos na produção e composição de um texto.

Destacamos que as fases pelas quais a LT perpassou não desencadeou na sua literatura um ordenamento cronológico, ou seja, uma fase não precisava desaparecer para que uma nova fase pudesse se concretizar. A existência de cada novo momento da Linguística Textual foi sendo constituída de forma tipológica, cada uma focalizando seus objetos de estudo, sem qualquer ordenamento cronológico em relação a outra.

Como já mostrado, a primeira fase da Linguística Textual voltava-se para a análise transfrástica, desta forma a análise da frase era o foco dos estudos linguísticos neste período. Neste momento, as pesquisas apontavam para os estudos dos tipos de relação que enunciados podem manter e/ou estabelecer em uma sequência considerada significativa, assim existia uma quebra com o padrão seguido pelos estruturalistas.

Esse primeiro momento foi importante, no entanto a Linguística Textual ainda precisava de uma teoria que melhor explicasse os fenômenos textuais.

Assim, na década de 1980, surgia uma nova orientação para os estudos do texto. Para Koch (2015), os processos cognitivos passavam a ter vez nos estudos da linguística textual. Constituíam-se assim a segunda fase da LT, conhecida como a fase da construção das gramáticas textuais.

Após a criação da gramática do texto, passa-se à terceira fase da Linguística Textual, que é o momento da construção das teorias do texto. Koch (2018) classifica essa fase como a “virada pragmática”.

A virada pragmática foi o momento em que alguns pesquisadores perceberam que o texto não é um produto acabado, logo não poderia ser analisado como algo que já se encontra pronto, mas, sim, ser estudado a partir da concepção que entende que o texto é uma atividade verbal de integração e comunicação social.

Foi nessa fase, conforme nos mostra Bentes (2017, p.251) que os estudiosos se propuseram a estudar o texto em seu contexto, com o intuito de investigar “a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso”

Temos, na terceira fase da LT, um aumento considerável no campo de discussão sobre as unidades linguísticas. Corroborando com esta ideia Koch (2010, p.11) afirma que:

[...] a Linguística textual tem como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de seus textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa.

Tendo sido mostrado nesta seção os caminhos que a LT percorreu, atingindo assim o que nos propomos aqui apresentar, passemos ao próximo tópico onde é abordado a concepção de texto com a qual trabalhamos neste estudo.

3.2 Concepção de texto

Em geral, no senso comum, o texto é visto como um conjunto de palavras que serve para repassar uma ideia, uma história, uma informação e tantas outras coisas. Existe um certo entendimento que apenas aquele que sabe escrever tem competência linguística para redigir um texto, assim como somente aquele que sabe ler consegue efetuar a leitura de um texto. Mas, os estudos sobre

o texto nos mostram que não é exatamente assim, pois o texto é muito mais que escrita e decodificação de palavras: para entendê-lo outras ações são necessárias.

Vimos na seção anterior que o objeto basilar da LT é o texto. Também foi destacado que, conforme as fases da LT iam surgindo, o texto passava a ser compreendido de uma determinada forma. Neste estudo nos interessa a concepção defendida na terceira fase da LT, na qual o texto é visto como um produto sempre inacabado. Corroborando com este pensar, Bentes (2017, p.247) cita que:

[...] o texto passa a ser estudado dentro de seu contexto de produção e a ser compreendido não como um produto acabado, mas como um processo, resultado de interações comunicativas e processos linguísticos em situações comunicativas.

Se inicialmente os elementos presentes na estrutura do texto eram o foco principal, isso não ocorre mais. A LT não separa mais texto de contexto, pois o contexto é *condition sine qua non* para o texto. Diante da concepção de texto entendida neste estudo, destacamos a contribuição de Beaugrande (1997) para quem o texto é “um evento comunicativo em que convergem as ações linguísticas, cognitivas e sociais e não apenas a sequência de palavras que são faladas ou escritas” (BEAUGRANDE, 1997, p.15).

A constituição do texto perpassa uma espécie de entrelaçamento de conhecimentos dos usuários da língua no momento da interação. Há muitos estudos, de variadas áreas sobre interação, neste trabalho tomamos a concepção apresentada por Muniz-Lima (2020). A autora propõe que se entenda a noção de interação em uma perspectiva na qual o processo de coconstrução de sentidos seja enfatizado, pois, no processo existente entre os interlocutores, há ocorrência de interferência de variados aspectos que acontecem durante a interação. A coconstrução de sentido que é realizada está sempre em um âmbito de interação entre os sujeitos sociais e de construção interacional de sentidos: o sentido está, então, além daquilo que a superfície textual consegue demarcar.

Neste sentido, consideramos relevante trazer a visão defendida por Bakhtin (2011) que concebe o texto como um enunciado, portanto como um evento único e irrepetível. Entendendo assim que toda situação de comunicação

se dará por enunciados, para nós, equivalentes a textos, com todas as semioses que o constituem, que constroem uma unidade de comunicação e sentido. Logo, a concepção de texto adotada neste trabalho percebe e destaca o texto como um objeto que caminha por diversas semioses e que está atrelado ao contexto para ser interpretado. Em Cavalcante *et al.* (2019), os autores consideram que:

o texto é, de fato, um evento, de modo que a investigação dos mecanismos utilizados pelos sujeitos para dar sentido ao que produzem e compreendem deve ser estabelecida tomando por base, sempre, a interação e todo o contexto social que ela incorpora. Isso pressupõe assumir a importância capital de outras instâncias além da materialidade (linguística, visual, sonora), tais como os papéis sociais que os interlocutores assumem, as coordenadas dêiticas de pessoa, tempo, lugar e modo em cada campo mostrativo instaurado pelo texto, o compartilhamento de esquemas mentais ressignificados a cada uso e os pontos de vista assumidos ou rechaçados frente a crenças e valores sociais. (CAVALCANTE ET. AL., 2019, p, 32)

O texto não se constitui apenas de materialidade cotextual. Há uma singularidade cada vez que ele acontece, é sempre um novo evento. Ele é sempre negociado, assim, os seus constituintes, tais como os critérios de textualidade, ou seu modo, sua coerência e coesão são sempre contextualizados e se acomodam às regularidades de textualização e à orientação argumentativa pretendida na comunicação. Coadunando com esta perspectiva de texto, Cavalcante *et al.* (2019, p. 31) destacam o caráter de “irrepetibilidade” do texto. Tal caráter, segundo os autores, ocorre “quando uma pessoa entra em contato com um mesmo texto em momentos diferentes e propõe, a cada novo contato, uma interpretação que não coincide em tudo com as interpretações anteriores”. Diante do exposto, cremos que o novo sempre se faz presente a cada nova leitura do texto.

Koch (2015) compreende ser de vital importância que os conhecimentos individuais de cada leitor sejam ativados no processo de leitura. Destacamos a importância desses conhecimentos nos processos referenciais da língua, pois entendemos que, além do cotexto e do contexto, os sentidos de um enunciado, para se completarem, utilizam de conhecimentos que são construídos sociocognitivamente pelos leitores. Com base em Koch (2015), citamos alguns destes recursos: a intertextualidade, a construção de estereótipos, reconhecimento de gêneros textuais, de pontos de vista, entre outros.

Neste cenário, a autora aponta os conhecimentos que são ativados

para se construir os sentidos de um texto. São eles: linguístico, enciclopédico e textual. Mesmo a autora fazendo esta divisão, ela explica que tais conhecimentos são ativados diante de um texto. Esta ativação ocorre de maneira simultânea, não há como isolar um conhecimento do outro. Por este viés, reafirmamos que o texto é revivenciado a cada nova leitura.

É possível que no momento da leitura o indivíduo possa vir a esquecer de alguma informação. Outra possibilidade, é que caso aconteça uma releitura deste mesmo texto, outros conhecimentos sejam ativados, ou por ter aprendido após a primeira leitura, ou como dito anteriormente, por puro esquecimento.

Valemo-nos então dos pressupostos apresentados nesta seção, a qual finalizamos destacando o dito por Koch e Elias (2016, p. 18): “texto é fruto de um processo extremamente complexo de linguagem e interação social, de construção social de sujeitos, de conhecimentos de natureza diversa”. Pensando sempre nesta complexidade, olhando para os processos contínuos de interação dos indivíduos em sociedade e percebendo os diferentes usos da linguagem, principalmente nos aspectos semântico e pragmáticos do português brasileiro será constituído o caminhar deste estudo.

3.3 Referenciação

Nesta seção, abordamos o fenômeno basilar que sustenta nossa pesquisa: a referenciação. O processo de referenciação está entre as categorias de análise abordadas na Linguística Textual. Encontra-se ligado ao processo interativo com o texto tendo em vista ser desenvolvido com base na perspectiva sociocognitiva-dialógica.

O ato de se referir ao processo de comunicação é necessário e contínuo na linguagem humana. Uma das primeiras preocupações da nossa sociedade, por exemplo, é escolher o nome que o indivíduo recebe ao nascer.

Neste âmbito, destacamos que os estudos sobre referência remontam a tempos antigos, desde Aristóteles e Platão. Compreender como esses referentes eram constituídos é uma teoria antiga. Essa antiga preocupação pode ser percebida em estudos sobre referência que existem em áreas diversas como a filosofia da linguagem, os formalismos linguísticos e as teorias da semântica. Por este viés, compreende-se que já houve a concepção que atrelava significado diretamente à noção de denotação. Assim, os fatores, considerados externos ao

texto, que são imprescindíveis para a sua compreensão, não eram considerados nas análises.

O conhecimento contemporâneo sobre Referenciação teve seus primórdios na Suíça. Seu início é datado na década de 90, momento em que diversos estudiosos tentaram organizar e explicitar os processos referenciais que não só ocorrem na superfície textual, mas também no processo interacional. Os trabalhos inaugurais foram feitos por Mondada e Dubois (2003, p. 18), que consideram a “referenciação” como uma “construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, nas ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.”

O leitor se depara com diversos objetos, com a forma como novas entidades ou referentes surgem no texto, ou melhor, são introduzidos neste cenário: isso é o que entendemos por Referenciação. Quando no texto acontece a retomada, ou seja, quando esses referentes são reutilizados ou vêm a servir de suporte para que novas entidades sejam somadas ao texto, concretiza-se o que é denominado de progressão referencial. Koch (2005) vê a construção da referência como uma atividade discursiva, que resulta de um engajamento dos sujeitos da interação. Para a autora,

[...] não se entende a referência no sentido mais tradicionalmente atribuído, como simples representação extensional de referentes do mundo extramental: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural. A referência passa a ser considerada como resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades são vistas como objetos-de-discurso e não como objetos do mundo (KOCH, 2005, p.79).

A referência configura-se como sendo a retomada de elementos que aparecem no interior do texto. No entanto, Mondada (2001) defende que deve haver a substituição do termo referência pelo termo referenciação, já que esta corresponde a um processo que engloba aspectos cognitivos – o sujeito na elaboração de seu discurso –, não seleciona palavras aleatoriamente, mas sim, objetiva produzir determinados sentidos ao texto; e interativo - os processos referenciais surgem conforme as interações sociais. De acordo com Rezende e Ferreira (2017, p. 99), a referenciação é

[...] uma atividade discursiva atrelada ao saber adquirido linguisticamente pelo próprio texto, bem como pelos conteúdos inferenciais através de elementos presentes ligados aos conhecimentos lexicais, enciclopédicos e culturais como também as opiniões e saberes mobilizados na interação autor-texto-leitor.

No processo de referenciação, “em vez de uma estabilidade entre palavras e objetos designados, há no texto uma instabilidade referencial, que varia conforme o ato de enunciação” (RAMOS, 2012, p. 745). E este ato de enunciação possibilita, segundo Mondada e Dubois (2003), a criação de categorias referenciais que se modificam com a progressão textual. “São, então, retomadas e recategorizadas durante a produção textual” (RAMOS, 2012, p. 745), construindo os chamados objetos de discurso.

O princípio basilar dos estudos sobre referenciação oportuniza que a interpretação necessária diante do texto seja cada vez mais assentida de que os referentes/objetos de discurso se concretizam no ato da leitura pelos sujeitos. Desta forma, para acontecer, perpassa atividades cognitivo-discursivas que são as práticas de linguagem. Ramos (2012, p. 745) defende que, no processo de construção de referência, “o referente não é dado, mas construído na interação”. E isso ocorre, pois a referência no texto varia de acordo com a enunciação.

Não há como compreender que as inferências dos sujeitos se realizam de forma a corresponderem a sentidos concretizados e imutáveis. Se desta forma acontecesse, não haveria singularidade em cada ato de enunciação, pois, como já discutimos nesta pesquisa, o texto constitui-se um evento discursivo único e irrepetível.

Atualmente, o termo referenciação é utilizado para designar um fenômeno dentro da linguística textual que busca “entender o porquê das escolhas feitas, pois cada uma delas implica abandono de outras, e a seleção depende da intencionalidade do texto” (SANTOS *et al.*, 2012, p.18).

A referenciação está constantemente presente em nosso cotidiano. Se há comunicação, existe a presença de objetos de referentes que precisam ser reconhecidos pelo sujeito. Assim, ao produzir um texto, não tem como o sujeito locutor não usar esse recurso linguístico já que ele é exigido tanto por questões estéticas relativas ao texto como para perceber que o sujeito domina os recursos linguísticos da língua.

Nesse cenário, as inferências dos sujeitos não ocorrem de forma a

corresponderem a sentidos concretizados e imutáveis. Se desta forma acontecesse, não haveria singularidade em cada ato de enunciação, o texto constitui-se como um evento discursivo único e irrepitível, sendo assim dinâmico. Para Mondada e Dubois (2003) e Custódio Filho (2011), o dinamismo desta proposta teórica tem como base três características fundamentais, são elas: 1) a instabilidade do real; 2) a negociação entre os interlocutores; 3) a natureza sociocognitiva dos referentes.

Ao analisarmos tais princípios, percebemos que a construção dos referentes é fruto da relação do indivíduo com seu mundo social e seus conhecimentos sociocognitivos. O real torna-se instável, pois não se pode classificar definitivamente um referente, tendo em vista a contínua recategorização que ocorre na linguagem devido à natureza eminentemente intersubjetiva nas práticas interativas. O sentido de um texto só é dado em cada ato de interação entre os sujeitos enunciadorees. O sentido da negociação gira em torno do entendimento dos sujeitos no uso da linguagem. É através de negociações contínuas que o entendimento dos textos se concretiza. Podemos ilustrar essa ideia com o exemplo a seguir.

Figura 06 - Conversação no WhatsApp



Fonte: conversa pessoal da autora (2022)

Neste exemplo, temos uma conversa realizada via WhatsApp entre duas pessoas. O diálogo é iniciado com o envio da foto de um cachorro que está

no portão de uma casa, em seguida segue um texto verbal que explica que o animal que aparece na imagem está atrás de Ravena. A pessoa que recebeu as mensagens responde: “Povo que tem CNH, mas não é habilitado.” O indivíduo que iniciou a conversa ri e diz que foi a melhor metáfora que ela já leu.

O *WhatsApp* é um aplicativo de comunicação onde as interações são geradas a partir das construções dos referentes dos sujeitos. Nesse ato há uma negociação que é partilhada por aqueles que produzem/leem o texto. Trata-se de um breve diálogo que acontece entre os donos de uma cadela chamada Ravena, o cachorro que aparece na foto demonstra interesse pela cachorra, fato que é evidenciado na frase: “Cachorro tá atrás da Ravena”. A resposta do outro dono da cachorra é dada por meio de uma metáfora, para que esta seja compreendida é preciso uma negociação, assim o sujeito que lê a metáfora faz correlações para que possa compreender.

Nesse momento, emissor e receptor negociam o sentido do termo “não é habilitado”, que faz menção a dizer que, mesmo que seja um animal do sexo masculino, mesmo que ele esteja atrás da Ravena, o dono não o considera um perfil elegível para cruzar com a sua cachorra. Ou seja, o cão tem todos os pré-requisitos, assim como uma pessoa que tem CNH, mas às vezes não tem domínio sobre um automóvel. Percebemos, então, que o ato ilocucionário do exemplo foi provido de negociação pelos participantes, fato que poderia não ser compreendido se ambos não tivessem negociado, pois a referenciação resulta de uma negociação. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) discorrem a respeito disso e afirmam que:

Quando produzem e compreendem textos, os sujeitos participam ativamente da interação, de modo que estão sempre negociando os sentidos construídos. O processo é amplamente dinâmico, porque permite modificações com o desenrolar das ações. A construção referencial nada mais é que o resultado dessa negociação. (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 35)

É por esta perspectiva que os referentes se constroem, de forma não estável; os sujeitos do discurso constantemente modificam os sentidos dos referentes, conforme mostramos no exemplo acima. É durante a interação que o significado dos referentes se concretiza. Cardoso (2019, p.29) elenca que “a ideia de estabilidade absoluta sobre os objetos de discurso é epistemologicamente inconsistente, uma vez que o ato de referir é um processo

dinâmico.” Não se pode pensar em um significado apenas denotativo, é preciso entender que há no ato da comunicação uma previsão de recategorização do referente que levará em consideração outras semioses. Neste processo de recategorização dos referentes, temos os processos referenciais, que serão vistos na próxima subseção.

3.3.1 Processos referenciais

Os processos referenciais são mecanismos necessários para que o leitor elabore sua compreensão do texto. Tais recursos linguísticos atuam como ferramentas importantes para que o texto seja tido como claro, coeso e sem que haja repetições desnecessárias de termos que o compõem.

Sobre os processos referenciais, Koch (2021) discorre que esses são organizados em dois grandes blocos: o da correferenciação e o da não-correferenciação. A correferenciação constitui-se de elementos que são retomados de modo direto, assim, os objetos do discurso antecipam, introduzem ou retomam expressões utilizadas anteriormente ou posteriormente no texto (KOCH, 2004). Neste processo, os referentes utilizados encontram-se alocados, e desta forma, já são reconhecidos pelo leitor, pois eles já foram apresentados. Trata-se assim de elementos dispostos no cotexto.

Na não-correferenciação, constroem-se situações em que os elementos são estabelecidos de maneira indireta, quando os objetos de discursos são construídos por meio das teias de significados que são instauradas no decorrer do texto. Neste caso, há a necessidade de refletir sobre o contexto no qual o texto se apresenta.

Nossa perspectiva sobre os processos referenciais é feita com base em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Os autores entendem a língua como uma matéria primeiramente argumentativa e que apenas em prática o discurso constrói as suas argumentações. Neste estudo, os autores apontam os seguintes processos referenciais como basilares: no âmbito da correferenciação a introdução referencial e a anáfora direta. No que se refere aos processos de não-correferenciação, temos a anáfora indireta e a anáfora encapsuladora. A dêixis também é citada pelos autores como processo referencial, mas não é uma preocupação deste trabalho classificar os tipos dêiticos presentes em nosso *corpus*, tendo em vista que, didaticamente falando, tal preocupação será deixada

para pesquisas futuras que terão como objetivo apenas os processos dêiticos.

Posto isso, vejamos separadamente esses processos referenciais que se conectam à correferenciação e à não-correferenciação.

3.3.2 Processos correferenciais

Os processos correferenciais têm relação com a maneira como os referentes são dispostos no cotexto. Por cotexto, entende-se os elementos que estão presentes como sequências linguísticas na linearidade textual, ou seja, que são visíveis na superfície textual. Por este viés, vemos a introdução referencial que acontece quando há a inserção de um referente/objeto do discurso pela primeira vez no texto. Seu surgimento pode acontecer de variadas formas; podemos ter, por exemplo, a expressão referencial através do texto escrito, assim como também através de uma imagem ou símbolo. Quando a introdução referencial surge, seu aparecimento não se encontra atrelado a nada que tenha sido mencionado no discurso anteriormente. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) apontam que esta é a forma mais evidente pela qual um objeto do discurso pode ser introduzido no texto é através do emprego de uma expressão referencial não mencionada anteriormente. Como exemplo de introdução referencial, observemos o trecho da música “Com açúcar, com afeto” de Chico Buarque:

Com Açúcar, Com Afeto

Com açúcar, com afeto

Fiz seu doce predileto

Pra você parar em casa

Qual o quê!

Com seu terno mais bonito

Você sai, não acredito

Quando diz que não se atrasa

Você diz que é um operário

Sai em busca do salário

Pra poder me sustentar

Qual o quê!

No caminho da oficina

Há um bar em cada esquina

Pra você comemorar

Sei lá o quê!

Sei que alguém vai sentar junto

Você vai puxar assunto
Discutindo futebol

E ficar olhando as saias
De quem vive pelas praias
Coloridas pelo sol

Fonte: <<https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45123/>>.

Como já exposto, as palavras que surgem pela primeira vez fazendo referência a um novo referente são nomeados de introduções referenciais. A nível de exemplificação, destacamos algumas palavras que funcionam neste texto como introdução referencial, foram elas: *açúcar, afeto, casa, terno, operário, salário, oficina, bar, saias, praias e futebol*.

É possível perceber que as palavras destacadas possuem uma tessitura de relação uma com a outra. Tal relação é construída mediante as construções socioculturais que cada indivíduo traz consigo. A esta situação que ocorre diante dos referentes de um texto Matos (2018) nomeou de redes referenciais. Para a autora, “[...] tais redes são formadas por nódulos referenciais, ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de associações de várias naturezas [...]”. Esta concepção de redes referenciais coopera para a percepção de que, mesmo um referente sendo inaugurado no texto, ele pode ter uma relação de sentido com algo que já foi exposto pelo aspecto contextual.

O estado da arte desta pesquisa mostra que existem poucas pesquisas sobre este processo referencial, diferentemente dos outros processos referenciais, tais como a anáfora. Tal compreensão é vista na pesquisa “introdução referencial: novos olhares” de Silva (2012). Neste estudo, é enfatizado o baixo número de pesquisas sobre este processo referencial. Para o autor o pouco interesse se justifica devido às introduções referenciais se relacionarem à quantidade de casos no texto e à associação sacralizada entre recategorização e anáfora, pregada por estudiosos da linguística textual.

Tendo sido feita a exposição sobre introdução referencial, iniciaremos nossas tessituras sobre o outro processo correferencial apontado por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014): a anáfora direta.

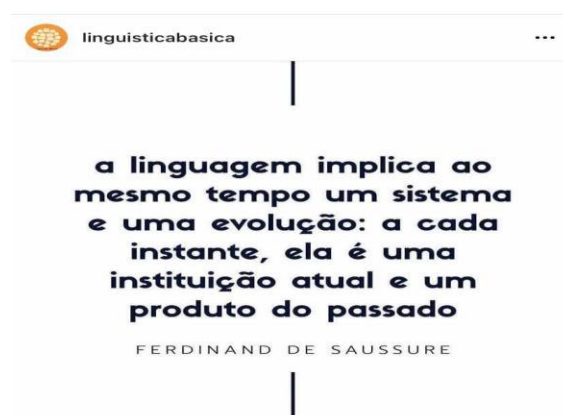
A anáfora direta tem a missão de retornar a algo já exposto no texto. Tal retorno acontece com a pretensão de reativar referentes do texto. Neste sentido, Marcuschi (2017) nos diz que:

Em geral, postula-se que as anáforas diretas retomam referentes previamente introduzidos, estabelecendo uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. Parece haver uma equivalência semântica e, sobretudo, uma identidade referencial entre a anáfora e seu antecedente. Na realidade a anáfora direta seria uma espécie de substituto do elemento por ela retomado (MARCUSCHI, 2017, p. 55).

Marcuschi (2017) destaca ainda que, nesse retorno ao referente, questões gramaticais precisam ser respeitadas, tais como: concordância de gênero e número, pois para um efetivo retorno a um referente é preciso que as escolhas se adequem corretamente ao referente. Logo, a anáfora direta se organiza de forma por manter a continuidade referencial do referente no texto, buscando manter a progressão de ideia, e vai recategorizando o referente por meio de informações que são acrescentadas ao longo do texto.

Cavalcante e Martins (2020) enfatizam a existência de uma associação do termo anafórico a formas pronominais e nominais que manifestam a retomada de referentes. Desta forma, as autoras consideram um anafórico direto (ou correferencial) a forma linguística que recupera um referente já evocado antes no texto”. Para exemplificar a anáfora direta, vejamos os seguintes exemplos:

Figura 07- A linguagem



Fonte: *Instagram @linguísticabásica*

A figura traz uma frase de Ferdinand Saussure, na qual está escrito: “a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto passado”. Neste texto, destacamos o pronome “ela” que retoma o termo “linguagem” introduzido logo no início do texto, caracterizando-se, neste caso, como uma anáfora direta.

Neste processo, há sempre correferencialidade e, portanto, reativação de referentes. Embora haja muitas ocorrências de anáfora direta com a retomada feita por meio de pronomes, a recuperação de referentes também acontecesse de outras formas, conforme veremos no próximo exemplo que contém um trecho de uma música do Seu Jorge.

Mina do Condomínio

Tô namorando aquela mina
Mas não sei se ela me namora
Mina maneira do condomínio
Lá do bairro onde eu moro

Seu cabelo me alucina
Sua boca me devora
Sua voz me ilumina
Seu olhar me apavora

[...] Minha mina, minha amiga
Minha namorada
Minha gata, minha sina
Do meu condomínio
Minha musa, minha vida
Minha Monalisa
Minha Vênus, minha deusa
Quero seu fascínio

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/seu-jorge/1089752/>

Na última estrofe deste texto o referente “mina” é recategorizado por muitos outros referentes, são eles: amiga, namorada, gata, sina, musa, vida, Monalisa, Vênus e deusa. Neste processo de recategorização de “mina” todos os referentes são sintagmas nominais.

Neste caso a recategorização dos referentes evoluíram formando uma rede referencial (MATOS, 2018), assim contribuindo para que o objetivo do autor tenha progresso no texto. Com base em nossos conhecimentos de mundo, entendemos que o autor teve, como objetivo, referir-se à mulher amada de forma carinhosa e amorosa. Sobre a pauta de escolhas dos referentes, Custódio Filho (2011) entende que as recategorizações possuem, por meio do referente, alguma carga avaliativa. Ratificamos, então, que as escolhas durante a recategorização do referente é uma forma de o autor do texto atingir seus objetivos ilocucionários.

Após abordarmos e exemplificarmos os processos compreendidos

como correferenciais para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), veremos sobre os processos não-correferenciais.

3.3.3 Processos não-correferenciais

Os processos não-correferenciais, de acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) são dois: a anáfora indireta e a anáfora encapsuladora. Quando a expressão referencial não retoma um elemento explícito no texto, tem-se a ocorrência de uma anáfora indireta. Mesmo que elas não estejam direcionadas a um referente anterior e apresentem a introdução de um novo referente. A anáfora indireta se associa a algo já explicitado no texto que pode ser identificado através de pistas contextuais.

Custódio Filho (2011) compreende que esta anáfora se desenvolveu de forma profícua e possui explicações aprofundadas a partir do fenômeno da Referenciação. Para o autor a anáfora indireta apresenta um termo como se esse já fosse conhecido. Para Cavalcante Filho (2011, p.131) “isso decorre do fato de o contexto estabelecido até um determinado momento permitir uma gama de referentes potencialmente ativáveis, os quais, quando aparecem, já são esperados”.

Vejamos a seguinte frase: “O bambu tá gemendo”. Para que seja compreendido o sentido desta frase é necessário que o leitor tenha alguns conhecimentos, tais como: o que é bambu? Por que ele geme? O bambu é uma planta, muitas pessoas pensam que ele é um tipo de madeira, no entanto, trata-se de uma gramínea. Possui um tronco alto, logo assim quando ele é quebrado, ouve-se um barulho semelhante a um gemido. Os conhecimentos necessários para que se compreenda este texto, colaboram para que a classifiquemos como um processo referencial de anáfora indireta.

Uma outra frase em que ocorre uma anáfora indireta é “Amar é verbo intransitivo”, título de um livro de Mário de Andrade. Os estudos de gramática nos mostram que verbos intransitivos são aqueles que não necessitam de complemento porque têm sentido completo. Desta forma, sabemos que isso não ocorre com o verbo amar, pois ele é um verbo transitivo. Logo, podemos compreender que o autor teve algum propósito ao apresentar amar como verbo intransitivo, citamos por exemplo, uma menção ao amor próprio, enfatizando que

para amar não se precisa de complemento.

Tendo sido feita a conceituação e exemplificação sobre anáfora indireta, partimos para o último processo referencial deste item, a anáfora encapsuladora.

A anáfora encapsuladora é vista como uma forma de referência em que a expressão dita referencial resume as informações contextuais e dados de conhecimentos compartilhados. Cavalcante e Brito (2013) deram a este processo a designação de rótulo. As anáforas encapsuladoras são um tipo de retomada que resumem partes textuais, mas que precisam manifestar-se por sintagmas nominais plenos, de outra forma, não seriam rótulos, somente anáforas pronominais que encapsulam conteúdo. Tal possibilidade existe devido aos pronomes demonstrativos serem uma forma de realização das anáforas encapsuladoras. Por este viés, Cardoso (2019) aponta que geralmente esses tipos de anáforas são reconhecidos a partir do emprego de pronomes demonstrativos e sintagmas nominais.

Compreendemos este processo referencial como um recurso coesivo que se direciona a um excerto anterior do texto, sendo assim, é uma ferramenta que colabora para uma boa construção textual. É neste cenário que a anáfora encapsuladora se direciona a um viés de organização, tecendo um texto que zela por uma boa construção textual.

Segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), as anáforas encapsuladoras poderiam parecer um tipo de anáfora indireta, tendo em vista que, quando ela é vista no contexto, é colocada por meio de uma expressão nova. Para os autores, a característica primordial desta anáfora é, juntamente com os conhecimentos sociocognitivos e as porções contextuais, resumir informações que constroem sentidos.

Koch (2008) compreende a anáfora encapsuladora como a representação de um processo de complexificação que (re)constrói o conteúdo pré-mencionado como uma entidade discursiva unificada, desempenhando uma função central no estabelecimento da coerência textual. A seguir, apresentamos um exemplo.

O amor sobrevive é de intervalos. Descobriram isso quando Rosângela arrumava os mantimentos para que Rufino passasse a semana inteira na casinha da roça, no cultivo da plantação. O retorno era sempre marcado por ansiedade, arrepio nas costas, olhar grudado no relógio da sala e roupas de cama limpas, prontas para o amor esperado. O

intervalo faz rebrotar a primeira paixão, o primeiro encontro. Faz nascer a saudade, o elemento que mensura o amor. Amor que não sofre de saudade desanda, perde a consistência. (MELO, 2008, p.73)

Observamos, no texto acima, que o pronome “isso” retoma a uma expressão anterior, “O amor sobrevive é de intervalos”. Neste trecho, temos a ocorrência de uma anáfora encapsuladora que se manifesta através do pronome isso. Neste caso, o pronome funciona como um integrante fundamental do texto, norteando os referentes do texto. Assim, contribuindo para a coesão e coerência do texto. Koch (2008) compreende a anáfora encapsuladora como um mecanismo complexo que reconstrói o conteúdo anteriormente mencionado, mantendo a unidade discursiva, o que faz com que desempenhe uma função essencial para a formação da coerência textual. Conforme é visto no exemplo abaixo.

Dizem que o céu é uma liturgia eterna, Deus me livre desta condenação! Aguentar uma missa que não acaba? Prefiro a morte com requintes de crueldade. Que me furem os olhos, então! (MELO, 2008, p.73)

Neste excerto, temos um exemplo de uma anáfora encapsuladora que se constitui através de sintagma nominal. É o que ocorre com o sintagma “desta condenação” que retoma “Dizem que o céu é uma liturgia eterna”. Com este exemplo, temos uma manifestação de encapsulamento por meio sintagmas nominais plenos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na busca por uma metodologia para orientar este trabalho, optamos por uma abordagem qualitativa dos dados, uma vez que, neste tipo de abordagem, as interpretações do pesquisador são evidenciadas e aceitas. A pesquisa é entendida como uma questão interativa e interpretativa. Lüdke e André (2013) compreendem que este tipo de abordagem enfatiza a perspectiva dos participantes. Os autores afirmam que a pesquisa qualitativa:

tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada [...] (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 11).

Haja vista o objetivo geral desta pesquisa, qual seja investigar as formas de referenciação em Tiras do *Instagram*, com foco na construção de sentidos realizada por meio da relação entre a linguagem verbal e a não verbal, neste capítulo, traçaremos o percurso metodológico a ser empregado. Esta seção será composta pelos seguintes tópicos: Delimitação do Corpus, a Rede Social Instagram, Processo de Coleta do *corpus* e o Tratamento dos Dados Coletados.

4.1 Delimitação do corpus

A construção de um *corpus* é condição indispensável para este estudo. Tognini-Bonelli (2001, p. 2) afirma que o corpus é “uma coleção de textos presumidamente representativa de uma dada língua que é compilada para que possa ser utilizada para a análise linguística”. Nosso corpus tem como base Tiras. Conforme visto no capítulo sobre o Gênero Tira, são vários os tipos e temas abordados por esse gênero. Desta forma, se faz necessário estabelecer alguns critérios para que possamos elencar como e por que algumas escolhas foram realizadas durante o processo de composição do corpus.

O primeiro critério definido se refere à temática abordada nas Tiras analisadas. O tema escolhido foi a pandemia da COVID-19. Justificamos a escolha deste tema, tendo em vista a situação pandêmica ter sido uma preocupação mundial, pois foi algo que não afetou apenas a área da saúde, foi

uma situação que gerou repercussões e impactos sociais sem precedentes recentes em todo o mundo. O grande número de Tiras sobre este assunto mostrou o impacto social deste, como também facilitou nossa coleta.

Analisando algumas Tiras sobre este assunto, percebemos que o tema escolhido acaba por juntamente com o tema central apresentar outros assuntos, como por exemplo, a política.

Além da escolha das Tiras, selecionamos alguns comentários sobre as Tiras do nosso *corpus*. Para escolhermos os comentários selecionados, consideramos a interatividade sobre o comentário pelos usuários da página. Um outro ponto observado foi se o comentário tinha sido fixado pelo administrador da página. Salientamos que omitimos a imagem do perfil e o nome dos comentaristas, assim preservando a imagem dos usuários.

O segundo critério para constituição do *corpus* foi a escolha de *locus* da pesquisa, isto é, onde realizamos a coleta das Tiras que analisamos. O *locus* escolhido foi a rede social digital *Instagram*.

A decisão se fez principalmente pela ascensão que essa rede social digital tem tido em nosso país. De acordo com uma pesquisa sobre os usuários de mídias sociais, divulgada no site *Report We Are Social* e da *Hootsuite* em outubro de 2020, por Kemp (2020), o *Instagram* ocupa a 4ª posição no *ranking* das redes sociais mais usadas no Brasil, atingindo um número de 95 milhões de usuários.

Além da temática das Tiras e do conjunto de comentários selecionados e do *Instagram* como *locus* desta pesquisa, outros critérios foram utilizados, quais sejam, as páginas de Tiras para busca pelo *corpus* e a data da publicação das Tiras. Assim foram coletadas Tiras postadas durante os anos de 2020 e 2021, anos iniciais da pandemia e também o período do curso de mestrado. Um outro critério considerado se refere à nomenclatura apresentada na descrição da página dada pelo administrador que poderia fazer menção à Tira ou Tirinha, assim reforçando que, naquela página, este gênero era o foco das postagens. Tendo sido mostrado nossa opção pelo *Instagram* como *locus* deste estudo, consideramos necessário apresentar, mesmo que de forma breve, uma descrição do *Instagram* no próximo subtópico.

4.2 A rede social *Instagram*

O *Instagram* é uma rede social digital que, em comparação a outras redes sociais digitais, como o Facebook e o Twitter, frisa mais o visual que o escrito; entendemos que isso acontece porque, desde que foi criado, ele tinha como foco a postagem de fotografias. Sendo este o motivo primeiro da nossa escolha para o lócus da nossa pesquisa. Destacamos que o *Instagram* possui um grande número de usuários, sendo eles de faixas etárias variadas e que acessam a plataforma recorrentemente.

Figura 08 - *Instagram*



Fonte: Google Imagens

A rede social *Instagram* foi desenvolvida por Kevin Systrom e Mike Krieger, no ano de 2010. A princípio era um aplicativo exclusivo para celulares do tipo *smartphones* do sistema IOS. Seus criadores tiveram como objetivo oferecer aos usuários um aplicativo que pudesse capturar e editar fotos, assim como fazer o compartilhamento destas. Vale destacar que a edição proporcionada pelo aplicativo oportuniza alterações na produção pós-captação da imagem, tais como: mudanças na cor, nitidez, brilho, formato, entre outras características.

Tais funcionalidades podem ser percebidas a partir do próprio nome da rede social que, de acordo com os criadores, vem dos termos “câmera

instantânea” e “telegrama” (*instant camera e telegram*, respectivamente, em inglês), o que fortifica a possibilidade de compartilhamento de imagens no momento em que são capturadas.

Desde seu lançamento, o aplicativo possui considerável destaque no mundo real e digital. É o que nos mostra uma matéria do site *Canaltech*,⁶ quando afirmam que:

Em apenas um ano, o Instagram já contava com dez milhões de usuários, sendo que o serviço estava disponível apenas para proprietários de *iPhones* e *iPads*. Em 2012, o Facebook comprou o Instagram por cerca de 1 bilhão de dólares, no mesmo ano em que a rede social foi disponibilizada para dispositivos Android.

Dada a disponibilidade para dispositivos *androids*, os *downloads* do aplicativo intensificaram-se, aumentando assim, cada vez mais, o número de usuários da rede. A partir de observações próprias, elencamos algumas características dessa rede social, explicitadas a seguir.

1. PERFIL: Espaço destinado para as publicações do usuário em sua página. Para isso, faz-se necessário que o indivíduo com este interesse crie antes uma conta, para que assim possa utilizar a rede social *Instagram*. Em seguida, o usuário poderá editar (escolher foto, preencher biografia, entre outras coisas) e configurar (aplicativos e sites, notificações, privacidade e segurança, entre outros) sua conta/perfil como preferir.

2. LEGENDA: O aplicativo disponibiliza um espaço para uma descrição da imagem que está sendo postada, o que é conhecido como legenda da foto. Neste espaço o usuário pode colocar texto, *emoticons* e *emojis*, sinais gráficos e também apresentar as *hashtags*, que servem como uma espécie de *hiperlinks* para conectar a publicação com outras publicações da mesma *hashtag* utilizada na publicação. Nesse mesmo espaço também é possível marcar usuários, para isso basta utilizar: “@ + o nome do usuário”.

3. COMENTÁRIOS: De acordo com a configuração da conta (privada ou pública), os usuários que visualizarem os *posts* poderão inserir suas opiniões a respeito da postagem (pode acontecer de serem inseridos comentários que nada

⁶ CANALTECH. **Instagram:** Capture and Share the World's Moments. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/empresa/instagram/#:~:text=O%20Instagram%20foi%20criado%20por,brasileiro%20Mike%20Krieger%20em%202010.>> Acesso em 12 de maio de 2021.

tem a ver com o assunto da publicação). Os comentários podem também ser feitos pelo próprio dono da postagem, assim ele poderá responder individualmente cada comentário postado, se assim desejar.

4. *STORIES*: Como a própria tradução do inglês para o português nos permite pensar, os *stories* do *Instagram* é um espaço de compartilhamento de histórias do dia a dia do usuário. Os *stories* publicados ficam disponíveis para visualização por 24 horas, mas ficam salvos para o usuário em sua conta.

5. *HASHTAGS*: Este recurso de agrupamento que identifica grupos ou conteúdos específicos, por meio do símbolo “#” antes de uma palavra ou expressão atraiu 400 milhões de usuários no ano de 2015 para essa nova plataforma digital. Contando sempre com a força das imagens para transmitir mensagens mais dinâmicas e ágeis, suprimindo a expectativa de uma boa parte dos seus usuários que buscam uma forma de comunicação instantânea, objetiva e direta.

6. *SEGUIR*: Utilizamos a nomenclatura seguir para expor o número de seguidores que o usuário possui (pessoas que seguem a conta de ou o número de pessoas que o usuário segue). Essa é uma função que permite visualizar quantas pessoas têm interesse na pessoa/usuário ou no conteúdo da conta. Quanto maior o número de seguidores de uma página, compreende-se que maior é o interesse das pessoas pela pessoa/usuário ou conteúdo vinculado à página.

Muitas foram as atualizações que o *Instagram* já teve desde seu lançamento até o ano em que esta pesquisa foi desenvolvida, como exemplo, citamos a disponibilização de uso da rede social para computadores, tirando assim a exclusividade do uso em *smartphones* e diversas mudanças no *layout* do aplicativo que foram acontecendo progressivamente. Tais alterações, como sugerido em Muniz-Lima (2022), afetam diretamente a construção de sentidos dos usuários da rede social *Instagram*.

O *Instagram* também lançou novas funções no aplicativo para seus usuários, como o *Direct*, ferramenta que oportuniza aos usuários da rede conversarem de forma privada ou em grupos. Função esta que, em 2020,

integrou-se ao *Messenger*, o que tornou, de acordo com a Central do *Instagram*, as mensagens diretas ainda melhores.

Novas funções são sempre lançadas no aplicativo. Na página oficial do *Instagram*, é mostrado que os recursos da rede buscam ajudar os usuários a se expressarem e a se conectarem com as pessoas. Há sempre novas atualizações no *Instagram*. As mais recentes são o *IGTV* e o *REELS*. O *IGTV* “é um local dedicado a vídeos imersivos e longos. Não têm o limite de um minuto e ocupam a tela inteira.” (ABOUT, 2021). Já o *REELS* permite a publicação de vídeos curtos, nos quais os usuários usufruem de diversas ferramentas para isso. Atualmente o *Instagram* se destaca também como aplicativo de compra e vendas. Esta função possibilita que marcas cadastrem e vendam seus produtos diretamente na rede social, sem que o usuário necessite sair do aplicativo para realizar sua compra.

Tendo sido expostas diversas características do *Instagram*, ratificamos que esta rede social é um *locus* viável para nossa pesquisa.

4.3 Processo de Tratamento do corpus

Tendo em vista a necessidade de construção do *corpus* que é composto por Tiras provenientes do *Instagram*, discorreremos a seguir sobre como foi realizada a coleta de dados.

Para fazer a identificação de quais perfis publicavam Tiras no *Instagram*, utilizamos a opção de busca disponível no aplicativo e pesquisamos por #Tiras e #Tirinhas. Utilizamos as duas nomenclaturas por compreendermos que ambas as designações são muito utilizadas pelas pessoas para se referirem ao mesmo gênero textual. Diante do resultado foi identificada uma elevada variedade de páginas sobre o assunto, dentre os quais precisávamos escolher apenas algumas dessas páginas. Assim, selecionamos as três com os maiores números de seguidores e que forneciam Tiras sobre nossa temática selecionada: a pandemia de COVID-19. Além do alto número de Tiras sobre esse tema, o assunto é bem contemporâneo e está relacionado com muitos fatos relatados por Tiras de outras temáticas, como política e educação.

Consideramos relevante um estudo sobre essa temática, pois retrata nossa contemporaneidade, facilita o processo de compreensão das Tiras, uma

vez que estamos inseridos nessa realidade e vivenciamos os fatos abordados nela e, principalmente, porque a pandemia de COVID-19 foi um marco na história da humanidade e carece de estudos que a retratam sob diferentes perspectivas.

Durante nossa coleta, utilizamos o recurso *print screen* para fazer a captura das Tiras. Logo após a captura do conteúdo escolhido, o material foi organizado em pastas no computador da pesquisadora, sendo separadas em pastas as Tiras e os comentários. Apresentamos a seguir a metodologia utilizada para a análise de dados.

4.4 Tratamento de Dados

Considerando o objetivo geral desta pesquisa, que consiste em investigar o fenômeno da referenciação em Tiras do Instagram, com foco na construção de sentido realizada na linguagem verbal e não verbal, buscamos identificar nas Tiras selecionadas qual ou quais processos referenciais foram utilizados. Para isso, optamos por investigarmos os processos referenciais como apresentados em Cavalcante, Custódio Filho e Brito no livro “Coerência, Referenciação e Ensino” (2014). Nesta obra, os autores apontam os seguintes processos referenciais como basilares: no âmbito da correferenciação a introdução referencial e a anáfora direta. No que se refere aos processos de não-correferenciação, temos a anáfora indireta e a anáfora encapsuladora. Não destacamos em nossas análises a introdução referencial, pois, conforme os autores, este está sempre claramente presente no texto por ser responsável pela inserção e inauguração do referente no texto para que, a partir deste, os outros processos se realizem.

Na análise de dados, consideramos os tipos de linguagem presentes na Tira, tendo em vista ser uma preocupação basilar desta pesquisa, assim como necessária diante da nossa linha de pesquisa: descrição e análise do português brasileiro. Assim como analisamos o contexto sócio-histórico e os papéis sociais desempenhados pelos personagens nas narrativas.

Um outro fator que observado é a interação no aspecto do ambiente digital, tendo em vista que, além de termos as Tiras como objeto de nossas análises, também contamos com os comentários dos usuários do *Instagram*. Justificamos nossa opção por trazer os comentários para nosso estudo com base na proposta de Cavalcante e Muniz-Lima (2021) as autoras consideram que há

a possibilidade de inúmeras relações de um texto com outros num mesmo compósito, e a dos processos referenciais é uma delas. Assim, os comentários evidenciam os sentidos que foram construídos no momento da leitura pelo interlocutor. Nossa opção por trazê-lo para nossas análises é com a finalidade de observarmos os sentidos que foram construídos a respeito do texto pelos usuários do *Instagram*.

Posto isso, enfatizamos que neste estudo buscamos responder às seguintes perguntas: como se realiza o processo de referenciação em Tiras na rede social *Instagram*? De que maneira esse processo se manifesta através da semiose não verbal, colaborando para a construção de sentido das Tiras?

Para respondermos a esses questionamentos, percorremos os seguintes passos:

- a) Descrição dos elementos da Tira;
- b) Exposição sobre o gênero Tira destacando o tema, desenvolvimento, clímax da história e o desfecho da narrativa;
- c) Identificação dos processos referenciais, considerando os elementos multissemióticos, explicando os possíveis processos cognitivos necessários para a recuperação dos referentes.
- d) Apresentação e discussão sobre os comentários dos usuários do *Instagram* sobre a Tira.

Tendo sido explicado como foram tratados os dados desta pesquisa, passamos ao próximo capítulo que contém nossas análises de dados.

5 PROCESSOS REFERENCIAS EM TIRAS DO *INSTAGRAM* SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19

Mediante o aporte teórico e metodológico que explicitamos, passamos neste capítulo às análises das Tiras. Entendemos que a compreensão de um texto pode gerar múltiplas possibilidades de construção de sentidos sobre o texto, isto porque “[...] compreender é compreender-se diante do texto. Não impor ao texto a sua própria capacidade finita de compreender [...]” (RICOEUR 1991, p. 124).

Nas análises, buscamos atingir nossos objetivos, quais sejam: Identificar os processos de referenciação que são utilizadas em Tiras do *Instagram*; interpretar os processos referenciais do texto, destacando as expressões e itens não verbais envolvidos no processo de referenciação; apresentar as possíveis compreensões de usuários do *Instagram*.

As Tiras apresentadas são sobre a temática da pandemia da COVID-19. Nossa primeira pretensão era a de abordarmos quatro temas, sendo eles: política, pandemia, tecnologia e educação. No entanto, durante nossa qualificação, foi sugerido pela banca examinadora que nosso *corpus* fosse constituído apenas por Tiras sobre o tema pandemia da COVID-19. Entre as temáticas escolhidas este era o assunto que estava em pauta no contexto mundial durante o período da pesquisa. Destacamos que as Tiras sobre este tema acabam por agregar à sua narrativa outros temas, como educação e política, entre outros. Apresentamos a análise de cinco Tiras, após as análises é exposto alguns comentários de usuários do *Instagram* sobre as Tiras coletadas, posto isso, passemos às análises das Tiras.

Figura 09 - Pronunciamento do atleta



Curtido por outras 22.609 pessoas

will.tirando Pronunciamento do atleta (março/2020) #tirinha #morte #covid19 #coronavírus #presidente #bolsonaro

Ver todos os 396 comentários

Fonte: *Instagram* @tirihanerd

A Tira da Figura acima é composta por quatro quadros: três coloridos e um preto e branco. O quadro 1 é composto por um homem de terno e gravata, com feição semelhante ao então presidente da república brasileira Jair Bolsonaro; atrás dele, há a bandeira do Brasil; dois balões de fala - um deles branco, proferido pelo presidente, e outro preto, atribuído a alguém que não aparece nesse quadro.

O quadro 2 repete os elementos do primeiro, todavia, só há um balão de fala preto, com dizeres do personagem que ainda não foi identificado. O terceiro quadro mostra o presidente fazendo uma pergunta. Já o quadro 4, em preto em branco, é composto por uma câmera de filmagem e a Morte, comumente representada por caveira vestida de preto. A Morte está com fones no ouvido e faz o papel de diretora da gravação; há também um balão preto com a fala dessa personagem.

De acordo com o enredo da Tira e a sua data de publicação, 25/03/2020, entendemos que ela retoma uma fala proferida pelo então presidente Jair Bolsonaro em pronunciamento oficial, transmitido via rádio e TV para todo o país, em 24 de março de 2020, período de ápice da pandemia. Citamos três elementos que podem comprovar nossa afirmação: os elementos que compõem os três primeiros quadros, o presidente Jair Bolsonaro e a bandeira do Brasil, cenário que geralmente ocorrem os pronunciamentos do presidente da república do Brasil; a retomada das falas do pronunciamento e a data de publicação da Tira, qual seja, um dia após o pronunciamento, conforme nos mostra trecho da matéria disponível no site da BBC:

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma **gripezinha** ou **resfriadinho**, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão. (BBC NEWS BRASIL, 2020, grifo nosso)

A postura do mandatário frente ao vírus gerou muita revolta e foi um assunto muito comentado pelas mídias de comunicação. Ao trazer a personagem Morte ditando o que deve ser dito, o autor da Tira mostra que o discurso do presidente é mortal, banaliza a doença e é comandado por aquela que quer tirar a vida das pessoas e não garantir a saúde da população. Isso pode ser comprovado pela conversa estabelecida entre o Presidente e a Morte nos quadros:

- Ele faz seu discurso, comparando a COVID-19 com uma gripe e com um resfriado.

- A Morte, diretora de gravação do pronunciamento, solicita o corte da fala e sugere modalização, utilizando os diminutivos, para convencer a população da pouca gravidade da doença.

- Ele sugere o uso dos termos gripezinha ou resfriadinho.

- Ela concorda e declara que essa forma de apresentação está excelente.

Quanto às formas “gripezinha” ou “resfriadinho”, acreditamos que é um exemplo de anáfora direta, pois conforme a definição supracitada no referencial teórico, retoma dois referentes presentes no texto: gripe e resfriado.

Sobre o uso diminutivo, conforme Costa (2003), em seu artigo intitulado “O uso dos diminutivos no cotidiano da língua portuguesa”:

o homem utiliza os diminutivos para poder expressar melhor as suas emoções e as suas intenções de modo espontâneo, impulsivo e não apenas utilizá-lo como diminuição de tamanho.

Os diminutivos nem sempre indicam diminuição de tamanho. Dependendo de como os diminutivos são colocados no contexto, eles podem assumir as mais diversas significações e não apenas diminuição de tamanho.

O principal morfema da Língua Portuguesa para denotar o diminutivo é “inho”(a).

A autora elenca ainda as seguintes funções para o diminutivo: diminuir ou minimizar; dar ênfase às coisas; expressar emoção, como o carinho; demonstrar desprezo; ironizar; demonstrar descontentamento ou desprezo; expressar rapidez ou lentidão; indicar um curto espaço de tempo.

Com isso, podemos afirmar que as expressões gripezinha ou resfriadinho funcionam como anáforas diretas de gripe e resfriado, mas também sofrem um processo de recategorização desencadeado pelo uso do sufixo diminutivo -inho, que, além de retomar as doenças supracitadas, ainda indicam menor gravidade e banalização da COVID-19. Capistrano Júnior (2017, p. 111) destaca que “as categorias são remodeladas no e pelo contexto, o que leva os sujeitos a fazerem escolhas adequadas tendo em vista suas intenções e a situação comunicativa”. Por este viés, enfatizamos que, na Tira, a versão diminutiva das palavras gripezinha ou resfriadinho tem como objetivo diminuir a gravidade da pandemia de COVID-19, e, por conseguinte, diminuir a necessidade de medidas para conter a propagação do vírus, com também a preocupação com o tratamento dos infectados.

A seguir, faremos a análise de um outro referente da Tira, o referente da personagem Morte. Diante de nossas percepções sobre processos referenciais, classificamos este referente como uma anáfora indireta. Tendo em vista que, para que se possa construir os sentidos aqui explicitados da narrativa, é preciso que haja a compreensão do significado do símbolo da caveira. A caveira, apesar de possuir outros significados (FIORE; CONTANI, 2014), frequentemente é relacionada à morte. Para a compreensão desta Tira em questão, esperamos que o leitor tenha construído este significado sobre a caveira. Enfatizamos que, em nenhum momento, é informado no texto que a caveira representa a morte. Esta constatação é construída de maneira sociocognitiva pelo leitor. Diante desta perspectiva que Mondada e Dubois


(2003, p. 35) “[...] na referenciação concebida como uma construção colaborativa de objetos do discurso – quer dizer, objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas”. Logo o processo de recategorização possibilita que o leitor construa e reconstrua seus referentes de acordo com a sua subjetividade e o contexto situacional, Van Dijk (2012, p.105) frisa que “o tempo, o lugar e ações, estão mudando constantemente mudando durante a experiência. A categorização de um referente recebe também influências do contexto.

A publicação da figura 09 foi curtida por muitos usuários, uma média de 22 mil curtidas. No que se refere aos comentários, até a data de coleta havia 396 comentários. Diante dos números mostrados, afirmamos que a Tira obteve muitas interações dos usuários. A respeito disso, Muniz-Lima e Custódio-Filho (2020) destacam o que chamam de “gestão das vozes”. No caso das Tiras que constituem nosso *corpus*, percebemos a presença de uma das possibilidades apresentadas pelos autores, aquela mais poligerida, sendo a que:


os participantes assumem o papel simultâneo de locutor e interlocutor, tendo oportunidade de construir o que está sendo apresentado no texto, de maneira, por assim dizer, mais democrática, tendo em vista estar em jogo a possibilidade do diálogo (MUNIZ-LIMA E CUSTÓDIO-FILHO (2020, p. 159).

Os usuários do *Instagram* são cientes desta possibilidade poligerida, mesmo que de forma inconsciente, eles sabem que existem formas de expor suas opiniões sobre a postagem no *Instagram*. Apresentamos abaixo alguns comentários desta publicação tecidos por usuários da rede social *locus* deste estudo.


Figura 10 - Comentários sobre a Tira Pronunciamento do atleta,
parte I

) lavem as mãos e mantenham distância...gripezinha e resfriadinho vai sarar! 🙌💕

129sem Responder Enviar Ver tradução

 Como que você faz uma tirinha dessas, caricaturista? O atleta tá muito simpático ainda 😂😂

129sem Responder Enviar Ver tradução

 Eu achei que tinha me divertido com a tirinha. Mas vendo os comentários me divirto em dobro.

129sem 2 curtidas Responder Enviar Ver tradução

Fonte: *Instagram @willtirando*




Nesta imagem, temos três comentários sobre a Tira “Pronunciamento de atleta” de usuários diferentes, vejamos, mediante os comentários deles, quais sentidos eles construíram sobre o texto. O primeiro usuário utiliza em seu comentário a seguinte frase: “lavem as mãos e mantenham distância... gripezinha e resfriadinho vai sarar! 🙌💕”. Diante desta frase, percebemos que o leitor retoma os termos utilizados pelo presidente na Tira, “gripezinha” e “resfriadinho”, para construir um texto com sentido inverso. Enquanto o presidente minimiza a gravidade da doença, o comentarista enfatiza a importância de lavar as mãos e manter o distanciamento social como uma estratégia de cura. Somado a isso, temos os dois *emojis* utilizados por ele, o primeiro, dois dedos fazendo um “v”, em geral, representa vitória e o coração cintilante faz menção a algo apaixonante, encantador. Assim, podemos entender que o usuário constrói o seu texto agregando elementos verbais e não verbais com sentidos complementares.

O segundo comentário, consiste em uma indagação ao criador da Tira, tal intenção evidencia a possibilidade de diálogo entre os usuários, esse caráter é abordado por Muniz-Lima (2022), para a autora “o caráter dialogal como a possibilidade que os interlocutores têm de fornecer respostas entre si, estabelecendo trocas dialogais”.




O usuário escreveu: “Como que você faz uma tirinha dessas, caricaturista? O atleta tá muito simpático ainda 😂😂”. Destacamos a menção do leitor sobre o gênero textual tirinha, em nosso referencial teórico abordamos sobre as variedades de nomenclaturas existentes sobre o gênero analisado nesta pesquisa. O leitor também destaca um elemento não verbal da Tira, no caso a figura do presidente, gerando uma brincadeira e referindo-se a ele como atleta, fazendo menção ao pronunciamento oficial do então presidente da república. Desta forma, percebemos que, para a compreensão dos referentes do texto, o usuário “Ele” optou por construir um texto recorrendo a elementos não verbais presentes nos quadros 1, 2 e 3 da Tira, que expressam a fisionomia do presidente “atleta”.

O terceiro comentário se refere a uma constatação sobre o viés divertido do gênero tirinha e dos comentários, coadunando com Ramos (2011, p. 95), que evidencia que “há a tendência de enxergar as tiras apenas sob o prisma do humor, forma que tem prevalecido nos jornais e na internet.” O usuário escreveu: “Eu pensei que tinha me divertido com a tirinha. Mas vendo os comentários me divirto em dobro.” Novamente, observamos a presença do reconhecimento do gênero tirinha pelo usuário do *Instagram*. Assim, como ocorreu com o emissor do segundo comentário, o leitor se refere ao gênero pela nomenclatura tirinha, enfatizamos mais uma vez que Tira e Tirinha são expressões sinonímicas (RAMOS, 2013).




Apesar do humor presente na Tira, ela também desperta a criticidade do leitor quanto ao posicionamento do mandatário. Para que o leitor tenha se divertido com a Tira, conforme ele confirma no comentário, entendemos que ele tenha construído significados através dos elementos verbais e não verbais que constituem o texto.

  Essa frase era ironizando a fala do drauzio.. 😂 tirinha perdeu o sentido pra quem entendeu a referência. 





130sem 1 curtida Responder Enviar Ver tradução

  presidente está CERTÍSSIMO!!!! tem que parar com essa situação de proveito da histeria!!!! 

130sem 1 curtida Responder Enviar Ver tradução

  Faz uma do Lula quando fez piada com o H1N1. Lembra qual? aquele que matou 1847% mais que o covid19 no Brasil. 

130sem 1 curtida Responder Enviar Ver tradução

   Ah, claro. E depois inaugura uma nova tendência mundial: o humor pretérito. Piadas novas para políticos fora do poder. Vai vender bastante. 

130sem 1 curtida Responder Enviar Ver tradução

Fonte: *Instagram @willtirando*

Temos na imagem acima mais uma sequência de comentários sobre a Tira “Pronunciamento de atleta”. O primeiro comentário diz: “Essa frase era ironizando a fala do Dráuzio.. 😂 tirinha perdeu o sentido para quem entendeu a referência.” Diante deste comentário, percebemos que o usuário associa o texto a uma fala do Dr. Dráuzio Varella, médico oncologista, cientista e escritor brasileiro. Seu reconhecimento pelo público se deve a seus trabalhos na rede de televisão Globo e no seu canal no *YouTube*, abordando temas atuais tanto na área da saúde como no aspecto social.

Quando o vírus da COVID-19 começou a aparecer nos países europeus, como a Itália, Dráuzio Varella publicou um vídeo em sua página do *Youtube* no qual dizia que o vírus era apenas um resfriado e que não havia necessidade de os brasileiros ficarem em quarentena. Tempos depois, quando a ONU já havia decretado estado de pandemia mundial, este vídeo foi resgatado para difundir desinformação sobre a COVID-19. Diante do comentário do usuário, entendemos que ele foi confundido pelas informações e não sabe o

contexto real em que o Dr. Dráuzio Varella usou a frase. Sendo assim, não é válido o argumento do usuário de que a Tira perde o sentido para quem entendeu a referência. Esta é apenas uma das tantas possibilidades de sentidos que a Tira repassou a este indivíduo. Na verdade, como já dito, os sentidos que podem ser extraídos de um texto são múltiplos.

Vejamos o segundo comentário, no qual o leitor escreve o seguinte: “presidente está CERTÍSSIMO!!!! tem que parar com esta situação de proveito da histeria!!!!”. O interlocutor concorda com o presidente, mas discorda da Tira. Diante do seu comentário, percebe-se que ele discorda do ponto de vista de quem se preocupa com a COVID-19, por isso expõe em seu texto que as atitudes do presidente estão corretas.

A menção a Jair Bolsonaro no texto pode parecer óbvia, mas, apesar de ser uma figura pública, é possível que alguém não o conheça, neste caso, correlacionar o presidente não seria uma tarefa fácil. Entendemos que o raciocínio deste usuário sobre a pandemia é similar ao do presidente, já que o então presidente acha que tudo está certíssimo e que é preciso parar de histeria. Resgatamos novamente a crítica contida na Tira: o presidente, ao usar as palavras “gripezinha” e “resfriadinho”, diminui a gravidade da doença. Por ele ocupar o mais alto cargo do poder executivo, suas atitudes e falas podem influenciar as pessoas, afinal é o então Presidente da República que está falando que um vírus que estava matando tantas pessoas era apenas uma “gripezinha”.

No terceiro comentário dessa sequência, temos um usuário que direciona suas análises para o cunho político. Ele escreve: “Faz uma do Lula quando fez piada com o H1N1. Lembra qual? Aquele que matou 1847% mais que o covid19 no Brasil.” Houve, neste comentário, algumas respostas, mostrando, assim, que “houve altos níveis de interatividade, por conta do caráter dialogal” (MUNIZ-LIMA, 2022). Das interações ocorridas para este comentário, trouxemos a primeira, na qual a resposta recebida: “Ah, claro. E depois inaugura uma nova tendência mundial: o humor pretérito. Piadas novas para políticos fora do poder. Vai vender bastante.”

Nesse trecho da interação, por mais que os comentários tenham abordado política, é nítido que tanto o comentário como a resposta dada, mostram compreensão dos referentes do texto, pois suas analogias citam até mesmo a figura de um ex-presidente da república, Lula. Também é resgatado

um outro vírus, o H1N1, que pode ter vindo à tona por uma associação à gripe e resfriado, referentes que estão no texto e que são alguns dos sintomas da H1N1. Consideramos pertinente dizer que a informação contida no comentário de que a H1N1 matou mais pessoas que a COVID-19 é falsa. O usuário traz uma *fake news* na sua mensagem.

Na resposta, observa-se até mesmo um tom irônico: “Ah, claro. E depois inaugura uma nova tendência mundial: o humor pretérito. Piadas novas para políticos fora do poder. Vai vender bastante”. O texto escrito pelo usuário evidencia alguns aspectos do gênero Tira, são eles: problematização de temas atuais e a presença do humor, o que mostra que, para o leitor, Tira é uma espécie de piada.

Tais conclusões sobre o gênero Tira são comuns para muitas pessoas. Ramos (2011, p.111) mostra que: “A tendência parece ser essa, a de ver a Tira cômica como uma piada”. Uma outra característica abordada na resposta ao comentário foi sobre o gênero Tira ter como foco temas que sejam atuais na sociedade. Tal perspectiva é abordada em nosso referencial teórico. Onde é mostrado que as Tiras possuem um caráter quase que imediatamente relacionado ao contexto sociopolítico-cultural.

Analisamos alguns aspectos da Tira e dos comentários apresentados. Identificamos a ocorrência dos seguintes processos referenciais: anáfora direta e anáfora indireta. A seguir, fizemos a análise da segunda Tira selecionada para este estudo.

Figura 12 - Mensagem na garrafa



Fonte: *Instagram* @Willtirando

Neste exemplo, temos uma Tira que é composta por quatro quadros, todos coloridos e sem a presença de nenhum tipo de balão de fala. Quase todos os elementos são imagéticos, no entanto, há um texto verbal escrito em um dos quadros. No primeiro quadro, são apresentados dois referentes: uma garrafa e um homem. A garrafa encontra-se boiando no mar e o homem está sentado na areia. No segundo quadro, o foco é aproximado fazendo com que esses dois objetos fiquem centralizados. Se antes eles eram apresentados separadamente, agora estão juntos, pois o homem segura em uma mão a garrafa e na outra um papel. Observando a expressão facial do homem, é possível pensar que ele apresenta um ar de surpresa.

Se voltarmos nossa atenção ao quadro anterior, veremos que o papel estava dentro da garrafa. Essa é uma informação que o leitor pode não ter percebido logo na primeira leitura, mas que se precisar, basta voltar ao quadro anterior. O foco do terceiro quadro é o conteúdo escrito do papel, que apresenta a seguinte mensagem: “Faça isolamento social”.

O último quadro da narrativa apresenta uma visão geral de todos os elementos do texto, mostrando os referentes centrais da Tira e o ambiente no qual a história aconteceu: o céu, uma pequena extensão de terra firme com coqueiros no meio do mar. O ambiente representado é uma ilha deserta, o que faz com que reflitamos sobre alguns aspectos: como alguém que mora em uma ilha deserta não faria isolamento? Afinal se é uma ilha deserta, subte-se que ela não é habitada por humanos.

Observando o personagem, percebe-se que ele já está em uma idade avançada, tendo em vista ele ser calvo, possuir ruga na testa e também por apresentar uma tonalidade esbranquiçada na barba. Já o tamanho da barba do personagem e suas roupas desgastadas nos fazem entender que ele já se encontra na ilha há algum tempo. Sendo assim, ele não entenderia a menção a um isolamento social, pois não é conhecedor dos motivos para tal isolamento.

O isolamento social solicitado na Tira, através da mensagem na garrafa, faz menção ao período da pandemia do COVID-19. Nós vivemos neste período, presenciamos e fazemos parte deste triste momento histórico. A Tira em análise foi postada em 29 de abril de 2020, logo após a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar, em 11 de março de 2020, que o mundo vivia uma pandemia e orientar, buscando evitar a propagação do vírus, que todos os países afetados pela doença decretassem normativas para isolamento social.

Outra informação pertinente para que esta compreensão que estamos descrevendo aqui da Tira possa ser realizada pelo leitor é sobre um antigo meio de comunicação que já foi muito utilizado por marinheiros, a mensagem por garrafa. Uma tradição que esteve presente nos cenários mais diversos, como nas guerras mundiais, histórias de amor e até mesmo para salvar vidas de pessoas, como o ocorrido com os naufragos na região do Pará do nosso país no mês de abril de 2022, como mostrado no dia 13 de abril na reportagem do *Twitter* na página da Marinha do Brasil: “Foi um bilhete, encontrado por pescadores em uma bola que permitiu a Marinha, em conjunto com órgãos estaduais, montar uma operação de busca e salvamento”. (*Twitter*, 2022, on-line).

A Tira em análise suscita questões relacionadas à pandemia de COVID-19. Não há no texto nada verbal que nos leve a essa informação, no entanto, a data de publicação da Tira e o chamado para fazer isolamento social, muito recorrente no período da pandemia, contribuem para a construção desta

trilha de sentido. Quanto ao elemento verbal presente no texto, especificamente no terceiro quadro, “Faça isolamento social”, entendemos esse trecho como uma âncora que introduz um caso de anáfora indireta. Na verdade, ocorrem duas anáforas indiretas que se relacionam entre si; “pandemia” âncora de “faça isolamento social” e “a tradição da mensagem da garrafa”, por sua vez, é âncora de “a imagem do papel na garrafa”. O humor se efetiva devido ao fato de o termo “faça isolamento social” não ser necessário no cenário que ocorre a cena enunciativa do texto ou também pela situação do personagem receber a informação por um meio de comunicação tão antigo.

Embasados na parte teórica deste estudo sobre Referenciação, percebemos a anáfora indireta como um processo referencial implícito, já que não possui um antecedente explícito no texto.

As anáforas se constroem diante da situação enunciativa, são os sujeitos que buscam elementos inferenciais para realizarem essa construção. As anáforas indiretas são um processo de referenciação implícito que estabelece uma relação indireta, construída de maneira inferencial. Neste sentido, estabelecer uma âncora que traga informações relevantes é essencial para a compreensão da anáfora indireta.

Alguns aspectos são citados por Marcuschi (2005) como elementos necessários no processo de construção/identificação de uma anáfora indireta, são eles: conhecimentos semânticos, conhecimentos conceituais e modelos do mundo textual também contribuem para a interpretação dessas anáforas. No entanto, estes são aspectos próprios, mas não específicos das anáforas indiretas, porque muitas anáforas diretas baseiam-se nesses princípios para realizarem a reativação de referentes. Entendemos, com base em Marcuschi (2005), que a anáfora indireta é responsável pela ativação de referentes novos, e, para que estes sejam ativados, dependerá do mundo intrínseco e individual que cada sujeito domina, o que justifica as múltiplas possibilidades de associações feitas diante de um texto.

Observamos em seguida, alguns comentários que foram feitos diante deste texto no *Instagram*.

Figura 13 – Comentários sobre a Tira mensagem na garrafa, parte I



Fonte: *Instagram @willtirando*

Nesta sequência, temos cinco comentários de usuários diferentes. O primeiro escreveu: “Eu que botei o bilhete”. Logo após esse texto verbal, ele utiliza o sinal de @ para marcar um outro usuário da rede. Esta marcação é mais uma das tantas formas de interação possíveis entre os usuários desta rede social.

O perfil que esse interlocutor marcou até o momento que este dado foi coletado não havia respondido ao comentário. No entanto, podemos visualizar na imagem que o comentário teve uma curtida, tal ação pode ter sido realizada pela pessoa marcada, neste caso, a curtida funciona como uma espécie de resposta a pessoa que fez a marcação, ou melhor, este é um dos sentidos que esta curtida pode repassar. Diante do posicionamento do autor do comentário de assumir para si uma ação vista no texto, podemos apreender que ele tenha feito as construções referenciais sobre o texto pelo mesmo viés de sentido que apresentamos. Seu comentário, ao mesmo tempo que pode ser interpretado como uma brincadeira, também pode levar a interpretação de que ele estaria tão preocupado com a pandemia que teria tido coragem de realizar a ação foco do texto em análise.

O segundo comentário desta sequência contém o seguinte: “hahahahah bão demais!” Ao utilizar a construção “hahahahah”, que significa

risos na linguagem da internet, o usuário passa a ideia de ter considerado a situação engraçada, assim, mostrando que os referentes do texto colaboraram para o entendimento do humor do texto que foi extraído no ato da leitura.

Já o terceiro interlocutor centraliza a atenção para a imagem do homem solitário do texto; o usuário disse o seguinte: “A cara dele de “tá me tirando?” 😂😂😂”. O comentarista entende a situação do texto, principalmente no que se refere ao local da cena. Ele percebe o ambiente da ilha, que é apresentado por meio de imagens. A frase é seguida de *emojis* que representam o riso, o que permite que o comentário tenha um ar de algo engraçado. Assim como o personagem do homem também é evidenciado, até mesmo a ruga no rosto, pois ele traz no seu comentário uma conexão “cara” do personagem da Tira. Um outro entendimento possível sobre este comentário é a possibilidade do verbo “tirando” usado pelo usuário no comentário ser uma associação ao gênero Tira. Seja qual for o sentido construído pelo usuário, entendemos que houve assimilação dos referentes.

O próximo comentário foi: “ISOLADOOOOOOO!!!! :(“. Este comentário soa como uma fala gritante, tendo em vista o uso da letra maiúscula e a repetição excessiva da última letra, algo que é recorrente na linguagem utilizada no contexto digital. Também é visto um *emoji* que repassa a ideia de tristeza. Para a compreensão de que o sujeito do texto está isolado como o leitor escreveu e também da carinha de tristeza mostrada através do *emoji*, apreendemos que tenha sido realizada uma compreensão leitora que passou pelos elementos da Tira conforme destacamos. Para este leitor, o isolamento proposto no texto está relacionado à COVID-19. Tal concepção se fortifica para nós pelo uso de *emoji* que representa tristeza, que era um sentimento que muitas pessoas sentiam diante da pandemia.

O último comentário desta sequência versa sobre o sentimento desencadeado diante da leitura do Tira. O usuário escreveu o seguinte: “Inveja desse cara”. Tal comentário nos permite associar que talvez o usuário estivesse passando o período de quarentena com muitas pessoas em sua casa, e tudo que quisesse era estar sozinho em uma ilha deserta, ou que ele gostaria de vivenciar verdadeiramente o isolamento social para garantir sua saúde e evitar a contaminação de COVID-19, pois muitas pessoas se recusaram a se isolar e

a praticar minimamente o distanciamento social. A próxima figura nos mostra mais quatro comentários tecidos a respeito da figura mensagem na garrafa.

Figura 14 - Comentários sobre a Tira mensagem na garrafa, parte II



Fonte: *Instagram @willtirando*

O primeiro comentário apresenta um *emoji* sorrindo seguido da forma exclamativa Top, termo que predomina na internet com a pretensão de dizer que algo é muito bom. Tendo em vista esta construção realizada pelo usuário da rede, ratificamos que os itens não verbais presentes no texto são construtores de sentidos, assim como o próprio *emoji* utilizado no comentário também nos faz construir sentido. Os sistemas semióticos presentes tanto no texto como no comentário se mostram fundamentais para que seus interlocutores construam sentidos (MUNIZ-LIMA,2022).

O segundo comentário versa sobre o processo de contaminação do vírus: “E assim o cara também foi contaminado com coronavírus, pegou garrafa sem fazer higienização, o papel também, dentro da garrafa tava um ambiente perfeito para o vírus.” Através do comentário deste interlocutor, entendemos que ele correlacionou o exposto na Tira com o vírus do COVID-19. O usuário enfatiza

que, mesmo que o bilhete tenha sido enviado através de uma garrafa, há o risco de o sujeito da ilha contrair a doença, pois quem mandou o bilhete pode não ter higienizado as mãos. Conseguimos entender esta informação por sabermos que, durante a pandemia, o cuidado com as mãos era necessário, tendo em vista que, através delas, o vírus poderia ser repassado.

O próximo comentário faz uma exclamação: “Sensacional!”. Diante do adjetivo empregado pelo usuário e o uso do ponto de exclamação, é possível entendermos que ele quis, através do seu comentário, elogiar o texto. Poder comentar sobre suas concepções diante do texto lido é uma das grandes vantagens que o ambiente interacional das redes sociais oferece ao interlocutor.

O último comentário diz o seguinte: “Engraçado desse isolamento é que a única diversão que o pessoal tinha era acompanhar gente confinada na TV... Agora nem isso...”. Logo no início do comentário, o usuário utiliza o pronome demonstrativo “esse” que tem a função de posicionar o discurso no espaço, bem como no tempo, o que nos permite compreender que ele está se referindo ao isolamento que estava ocorrendo durante a postagem da Tira, isolamento em virtude da pandemia de COVID-19.

Este usuário comenta que a única diversão durante a pandemia era acompanhar gente confinada, o que nos faz relacionar esse comentário ao programa de entretenimento da emissora de televisão Rede Globo, Big Brother Brasil. No entanto, ele diz que “agora a diversão tinha acabado”. O comentário é sobre a pandemia, mas há a inserção do assunto entretenimento durante a pandemia. Tal relação corrobora para afirmarmos que houve construção de sentidos através da linguagem multissemiótica que se apresenta na Tira.

Na análise desta Tira, evidenciamos um caso de anáfora indireta. Tendo sido feita esta identificação e apresentados os comentários sobre as compreensões dos interlocutores diante da Tira, passaremos para a análise da próxima Tira.

Figura 15 - Denúncia de aglomeração



Fonte: *Instagram* @instirinhas

A figura acima apresenta uma Tira composta de três quadros. Os dois primeiros quadros possuem o mesmo tamanho, enquanto o último possui o dobro do tamanho dos quadros anteriores, todos eles são coloridos e possuem linguagem verbal e não verbal. No quadro inicial, temos o primeiro referente da Tira, um cérebro com atitudes humanas, ele está utilizando um aparelho celular para realizar uma ligação. O texto da ligação aparece dentro do balão de fala e traz o seguinte: “Alô? Eu quero denunciá uma aglomeração!!”

No segundo quadro, o personagem continua na ligação, aparentemente está nervoso, o braço direito está erguido como geralmente os humanos fazem quando ficam nervosos durante uma ligação, o personagem da Tira continua na ligação o qual iniciou no quadro anterior, desta vez a fala dele para a pessoa do outro lado da linha é: “Já deve ter uns duzentos, e toda hora chega mais!”. No quadro final da Tira, que traz o desfecho da narrativa, surgem outros referentes, são personagens que representam boletos de cobrança, documentos largamente utilizados em nosso país como instrumento de pagamento. Os boletos identificados nesse texto, no total, são cinco: dois boletos de luz, dois apenas com o nome boleto e um boleto identificado como sendo de água. Por trás desses que são possíveis de identificação, há muitos outros, menores e em cor cinza, o que passa uma ideia de serem menores no quesito

tamanho em relação aos outros, a quantidade configura-se como uma verdadeira aglomeração de boletos. Diante deste cenário e olhando para os boletos, o personagem do cérebro diz ao interlocutor da ligação a seguinte expressão: “E tá tudo sem máscara!”

Esta Tira foi publicada em 21 de abril de 2021, mês considerado o mais letal da pandemia no Brasil. Por esse motivo, as autoridades públicas intensificaram os avisos para que as pessoas não se aglomerassem, como uma tentativa de diminuir o número de casos da doença. Mesmo assim, muitos indivíduos não respeitavam esta recomendação e continuavam a se aglomerar. Por ser muito falada e ouvida nesse período, a palavra aglomeração passou a ser associada à pandemia.

Como as pessoas descumpriam a recomendação de não fazer aglomerações, as autoridades passaram a contar com ajuda dos cidadãos para localizarem os casos de aglomerações indevidas e irem até lá para tomarem as devidas providências, de acordo com a lei.

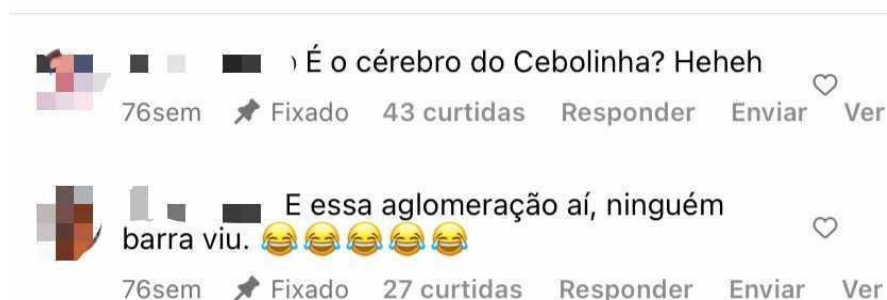
Tendo sido relembando o cenário mundial na época da publicação da Tira, e cientes de que o texto é um lugar natural de manifestação da linguagem, onde os objetos do discurso são construídos e percebidos, em boa parte, pelo uso de expressões referenciais (CAVALCANTE, 2012), entendemos que neste texto ocorre uma anáfora indireta. Neste sentido, destacamos as palavras “aglomeração” e “máscara”, que funcionam como âncora de “pandemia”, tendo em vista que são esses termos que permitem ao leitor construir esse possível entendimento sobre o texto.

Numa análise geral, enfatizamos que os referentes que estão no texto estão ancorados no *frame* pandemia, visto que, os referentes: “denunciá”, “aglomeração” e “máscara”⁷ remetem a uma mesma esfera geral. Diante de tais termos, constrói-se uma relação de sentido imediato que ocorre devido o conhecimento de mundo conforme explicitamos. É o que, de acordo com Cavalcante (2012), seria uma relação implícita, mas saliente na situação comunicativa e recuperável pelos saberes compartilhados.

No que se refere ao processo de compreensão desta Tira no *Instagram* por parte dos usuários, apresentamos abaixo alguns comentários.

⁷ O personagem da Tira em questão possui dislalia, tal fenômeno será colocado em evidência nas discussões sobre os comentários da Tira.

Figura 16 - Comentários sobre a Tira denuncia de aglomeração I



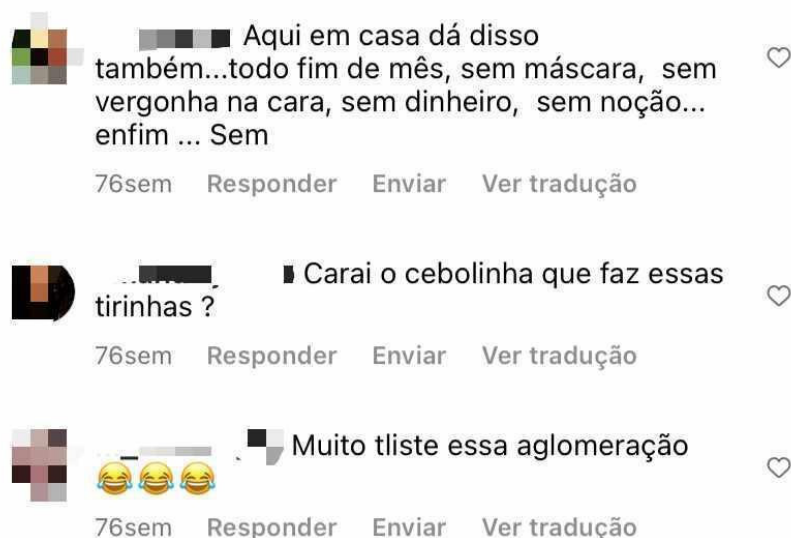
Fonte: *Instagram @instirin hass*

Estes dois comentários foram trazidos para esta análise por observamos que o administrador da página os fixou. Estando eles fixados são os primeiros a serem lidos na aba de comentários. A fixação de um comentário também pode ajudar a direcionar a conversa mostrando ao público sobre quais elementos do texto o autor quer destacar. O primeiro comentário fixado teve 43 curtidas, o que nos permite pensar que foram 43 usuários que concordaram ou gostaram do comentário. Ele diz o seguinte: “É o cérebro do Cebolinha? Heheh”. Como visto no texto, o personagem central do texto possui dislalia, um transtorno da linguagem perceptível na fala, o portador de dislalia, troca as palavras por outras similares na pronúncia, no caso do personagem da Tira ele troca a letra *R* por *L*.

Fato idêntico a este ocorre com Cebolinha, personagem da Turma da Mônica, personagens criados por Maurício de Souza. A Turma da Mônica é atualmente a história em quadrinhos brasileira mais publicada no mundo.

O segundo comentário foi curtido por 27 pessoas, ele enfatiza a aglomeração: “E essa aglomeração aí, ninguém barra viu. 😂😂😂😂😂”. Este usuário usa o termo aglomeração, mas mantém atenção para a questão dos boletos, afinal o recebimento de boletos, geralmente, é constante para os cidadãos. No texto, o referente boleto aparece através de linguagem não verbal e verbal, pois tem o nome escrito no desenho do boleto. Tais referentes foram construídos e reconstruídos pelo leitor que fez o comentário, conforme visto através da sua fala, que afirma que a aglomeração abordada no texto ninguém barra.

Figura 17 - Comentários sobre a Tira denúncia de aglomeração II



Fonte: @instirinhas

Nesta sequência, temos três comentários. O primeiro diz que: “Aqui em casa dá disso também...todo fim de mês, sem máscara, sem vergonha na cara, sem dinheiro, sem noção...enfim.. Sem”. Percebemos que o texto proporciona ao leitor pensar em situações semelhantes que ocorrem na casa dele. O comentarista destaca em sua fala o termo máscara que foi mostrado através de linguagem verbal no texto, ele usa também a expressão “dá disso também” o que nos permite correlacionar a fila, lista, conjunto de boletos, elementos apresentados por meio imagéticos, assim suas análises sobre o texto foram embasadas por múltiplas semioses.

O segundo comentário diz o seguinte: “Carai o cebolinha que faz essas tirinhas?” Já o último comentário desta sequência foi: “Muito triste essa aglomeração 😂😂😂”

Como visto, ambos os comentários fazem associações a Cebolinha. Quando o usuário, por meio do comentário, questiona se o Cebolinha que faz essas tirinhas, ele espera que as pessoas que o leiam saibam que o Cebolinha, assim como o Cérebro do texto, troca o *R* por *L*. O mesmo é esperado pelo usuário que trocou na sua escrita uma palavra como se tivesse dislalia e acrescentou ao término de sua escrita *emojis* que representam o riso. Em nenhum momento do texto foi feita referência a Cebolinha. Esta analogia foi

construída devido os usuários terem recorrido a outras “fontes de percepção”, pois, no processo de produção e interpretação do texto, é preciso observar além da parte verbal, das imagens e dos sons (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

Esta postagem teve 57 comentários, desses 8 comentários ou usaram a dislalia na escrita do seu comentário ou mencionaram o Cebolinha. Na maioria, os outros comentários faziam menção a risos, ou por uso da linguagem verbal ou não verbal. Diferentemente das Tiras anteriormente analisadas, os comentaristas dessa Tira demonstraram só concordância com o autor, pois todos vivenciam o recebimento e a aglomeração de boletos em suas rotinas.

Na análise da Tira denúncia de aglomeração, tivemos a ocorrência de um processo referencial não correferencial, a anáfora indireta. O que nos mostra que o processo de interatividade entre os usuários do *Instagram* colabora na construção dos referentes da linguagem. Tendo sido feita esta identificação e mostrados comentários de usuários do *Instagram* sobre a postagem, passaremos para a próxima Tira a ser analisada.

Figura 18 - É a quarentena



Fonte: Instagram @instirin hass

A figura 18 apresenta uma Tira que contém quatro quadros, todos são coloridos, têm o mesmo tamanho e apresentam linguagem verbal e não verbal.

O quadro 1 é composto por um homem e uma mulher, ambos são ruivos, pele clara e jovens. A mulher usa camiseta branca, óculos escuros e está sorridente segurando uma taça de vinho. Já o homem usa camisa listrada e calça jeans, ele está posicionado atrás da mulher. Neste quadro, temos dois balões de fala. O homem faz o seguinte questionamento à mulher: “Você está bebendo vinho 11h da manhã?” A mulher, que está de costas para ele, responde: “É a quarentena, Baby”.

O quadro 2 repete os elementos do primeiro, no entanto, agora é possível ver que o homem está com uma camisa diferente, indicando que esse diálogo acontece em outro dia. A mulher repete a camiseta branca, o penteado e os óculos do quadro 1, mas agora dá para ver também que ela está usando

apenas calcinha na parte de baixo. O homem desta vez está mais próximo da mulher e pergunta para ela: “Cadê suas calças?”. A mulher levanta os braços, e repete a resposta dada no quadro 01: “É a quarentena, Baby”.

No terceiro quadro, os personagens mudam de cenário, ambos aparecem no sofá: o homem sentado, com uma roupa diferente e a mulher com a mesma roupa dos quadros anteriores, deitada com a cabeça apoiada no colo dele, indicando outro dia de diálogo. Neste momento, ela está sem os óculos escuros, os olhos parecem estarem inchados de chorar, o que repassa ao rosto um ar triste e melancólico. O homem olha para a mulher de forma preocupada. Ele continua a conversa e diz: “É o seu segundo ataque de pânico esta semana”.

O último quadro evidencia o rosto da mulher. Novamente ela está de óculos. Neste quadro aparecem somente parte do corpo do homem, mas, como a camisa é a mesma, sabem que é continuação do diálogo retratado no quadro anterior, que passa a impressão de estar passando as mãos carinhosamente no cabelo da mulher. Ela, em resposta ao dito pelo homem no quadro anterior, repete, mais uma vez: “É a quarentena, Baby”.

Na produção de um texto, existe um elo de conexões entendidas nas relações interacionais, sociocognitivas e culturais que o leitor precisa conhecer para que possa ser construída uma interpretação iminente. Posto isso, podemos dizer que os referentes, homem e mulher, presentes no texto, são um casal.

Esta Tira foi publicada em 24 de abril de 2021, como já dito em uma análise anterior. Esse mês foi o período no qual o Brasil teve o maior número de mortes, logo a quarentena era muito necessária. Destacamos também que a pandemia já tinha mais de 1 ano de duração e a população não tinha sequer ideia de quando a necessidade do isolamento acabaria. Este período de incertezas afetou muito o estado psicológico das pessoas, conforme aponta uma pesquisa realizada pela UERJ (2020):

As incertezas com o novo coronavírus e as mudanças impostas pelo isolamento social vêm provocando sofrimento psíquico. Logo após a decretação da quarentena por causa da pandemia de Covid-19, o professor Alberto Filgueiras, do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), iniciou uma pesquisa sobre o comportamento dos brasileiros durante o isolamento. Os resultados mostram que os casos de depressão praticamente dobraram entre os entrevistados, enquanto as ocorrências de ansiedade e estresse tiveram um aumento de 80%, nesse período. (UERJ, 2020, on-line)

A pesquisa também aponta que as mulheres são mais propensas do que os homens a sofrerem com estresse e ansiedade durante a quarentena. Problemas psicológicos muitas vezes são escondidos ou disfarçados por quem é acometido. Os óculos e o vinho que a mulher utiliza podem passar a impressão de que ela está bem, de que está alegre, no entanto, conforme visto no terceiro quadro, ela escondia os olhos inchados de chorar. Isso e o convívio do companheiro com ela o permitem perceber que ela está em uma crise de pânico. Diante disso, compreendemos que a mudança comportamental vista na personagem da mulher, pode ser classificada como uma anáfora indireta, o leitor precisa acionar conteúdos que só são possíveis através do contexto sociocognitivo. Neste sentido,

A análise do contexto de produção passa, obrigatoriamente, por um trabalho cognitivo, essencialmente colaborativo, do interlocutor, que, por isso mesmo, deve ser entendido como um coenunciador, aquele que participa ativamente da construção da coerência. Reconhecer os elementos contextuais pertinentes para a de sentido conhecimentos armazenados em nossa memória. Esses conhecimentos prévios têm, em sua raiz, um caráter sócio-histórico do texto e da coerência. A ativação e a reativação de tais conhecimentos são fundamentais para o processo de interação, uma vez que a superfície textual. Ou contexto, é inerentemente "incompleta" (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO E BRITO, 2014.p. 21-22).

As multissemiões presentes no texto cooperam para o entendimento do leitor, no entanto, como defendido pelos autores acima citados, a análise contextual é necessária, pois ela oportuniza uma necessária ativação dos conhecimentos sociocognitivos do leitor, assim colaborando para que o texto seja sempre único e construído individualmente.

Voltemos nossa atenção agora para a análise da expressão “É a quarentena, Baby!”. Tendo em vista ela ser retomada outras três vezes dentro do texto, classificamos esta expressão como uma anáfora direta. Mondada e Dubois (2003) postulam que as anáforas diretas atuam não somente de forma correferencial, mas numa dinâmica textual que, sustentada em alguma âncora do texto, favorece a continuidade referencial, mantém a referencialidade e propicia a construção do sentido no texto.

Percebemos que a anáfora direta que ocorre no texto é realizada duas vezes além da que ocorre no primeiro quadro, que vem a ser uma introdução referencial, no total a expressão ocorre três vezes no texto. A repetição de uma expressão ou palavra não é uma recomendação da norma culta. Para Marcuschi

(1992, p. 3114), a repetição é a “produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”. Em outras palavras, é a estratégia de fazer reaparecer no texto um segmento anteriormente introduzido.

Cavalcante *et al* (2017, p. 97) dizem que cada locutor elege “diferentes maneiras de introduzir os referentes no texto que está produzindo e, desse modo, vai orientando o interlocutor sobre como espera que ele interprete os objetos do discurso”. Para nós é perceptivo que neste texto a expressão foi repetida com a pretensão de apresentar um sarcasmo cômico, trazendo assim comicidade para a Tira. Logo a repetição colaborou para que o texto fluísse de acordo com o objetivo do autor. Ressaltamos que a repetição lexical é uma marca recorrente na fala oral espontânea, no caso do texto, ele está representando uma situação que acontece na fala oral.

Ainda sobre este texto, identificamos a ocorrência de um outro processo referencial. Trata-se de uma anáfora encapsuladora que ocorre no terceiro quadro, na expressão “segundo ataque de pânico”. Nesta fala o personagem do homem resume proposições ditas anteriormente no texto, empacotando-as nesta única expressão referencial. Ou seja, encapsula as atitudes desenvolvidas pela mulher, tais como: estar vestindo apenas calcinha e camiseta, tomando vinho às 11h da manhã e usando óculos de sol dentro de casa, são resumidas pela expressão: “segundo ataque de pânico”. Consideramos que essa construção resumida, que é anáfora encapsuladora, é fundamental para o processo de compreensão do texto e viabiliza a coesão referencial, “contribuindo significativamente para a reafirmação de pontos de vista” (CAVALCANTE; BRITO, 2013, p. 29). É percebido, então, que o encapsulamento cumpre com a necessária progressão textual, necessário para a obtenção da organização do texto. Tendo no exemplo analisado papel importante para construções de sentido sobre o texto. Após mostrarmos os processos referenciais identificados neste texto, direcionemos nossa atenção para os comentários feitos a respeito do texto.

Figura 19 - Comentários sobre a Tira é a quarentena, parte I



Fonte: Instagram @instirinhass

Neste primeiro bloco de comentários, apresentamos a ocorrência de uma profícua interação entre os usuários do Instagram, pois o primeiro usuário fez o seguinte comentário: "Quem ainda não surtou na quarentena e tá

cumprindo as normas de segurança na medida do possível, é privilegiado 🥺”. O *emoji* que finaliza o comentário representa uma carinha triste e que está derramando lágrima, esta reação e o texto verbal do comentário mostram o privilégio que muitos não tiveram durante a pandemia, o de poder cumprir as normas de segurança, pois muitas pessoas não possuíam os recursos básicos para viver durante a pandemia. O administrador da página @tirinhass fixa o comentário e comenta um “né?”. Mesmo sendo uma interrogação, na língua em uso, essa expressão pode ser entendida como uma forma de confirmar a opinião de quem disse algo.

A próxima resposta ao comentário foi: “É difícil, né? Vamos que vamos, com a ajuda certa, dá pra levantar!!”. Nesta resposta, percebemos que o usuário concorda com o comentário inicial e traz uma mensagem motivadora sobre a pandemia. Na próxima resposta ao comentário, a usuária expõe como está se sentindo em relação a pandemia: “Estou vivendo um confuso delírio, não sei se ainda não surtei ou se já surtei e me acostumei com tudo isso. Realmente não sei, uma confusão de ideias e momento que vem à tona em tantos momentos e de repente, pá! Tudo ecoa em minha mente, novamente eu digo, não sei se surtei, mas acho que não. 🙌”. Através do comentário, inferimos que a comentarista se identifica com a situação retratada na Tira, pode-se dizer que a usuária se enxerga na personagem que está em crise. O *emoji* ao término do texto verbal do comentário, duas mãos erguidas passam a ideia de comemoração, que também pode ser chamada de mãos de louvor, é usada para demonstrar apoio ou apreço.

A resposta seguinte é: “Acho que todo cidadão DEVE cumprir as regras a medida do possível”. Nessa resposta, o autor deixa como uma possibilidade de entendimento que ele é contra o levantado pela autora do comentário base sobre quem cumpre o isolamento na medida do possível, para ele cumprir as regras é dever do cidadão. Diante desta resposta, a autora do comentário participa da interação e dá a seguinte resposta a esse usuário: “Acho que você entendeu errado o que eu disse, falei que quem ainda não surtou é privilegiado e não quem cumpre ou deixa de cumprir as medidas, o tema da tira é sobre isso 😊”.

Todos os comentários relacionam o texto à pandemia, com ênfase para problemas psicológicos que a quarentena ocasionou nas pessoas. Um dos termos utilizados para falar sobre isso nos comentários é o verbo surtar. Essas compreensões se construíram mediante todo o contexto da pandemia e no texto em questão por apresentar, através da linguagem verbal e não verbal, uma cena que, infelizmente, em grande ou pequena parte, se fez presente no cotidiano de muitas pessoas, principalmente das mulheres, conforme apontou a pesquisa da UFRJ.

Acrescentamos que, entre os comentários acima, houve uma ocorrência em que o próprio usuário retornou ao seu comentário e explicou sobre seu entendimento a respeito da Tira a um outro usuário. Na oportunidade ele enfatizou que a temática da Tira é sobre surtos psicológicos ocorridos durante a pandemia. A presença de signos visuais, como o uso dos óculos dentro de casa, a taça de vinho às 11h da manhã, os olhos inchados colaboraram a valores expressivos na produção dos sentidos, partindo do princípio que muitas pessoas se sentiram na situação apresentada no texto. Para ratificar isso, vejamos os próximos comentários.

Figura 20 - Comentários sobre a Tira é a quarentena, parte II



Fonte: *Instagram @instirin hass*

Destacamos que todos os comentários desta sequência foram feitos por usuárias do gênero feminino. A primeira usuária escreveu o seguinte: “Entendo todas as partes, só não queria entender a última 😞”. Em seguida, outra usuária afirma que: “Eu queria dizer que ainda não tive crises de Pânico, Ansiedade e caralhadas... O bom que tenho alguém que me ajuda a segurar a barra.” A terceira usuária, deste recorte de comentários, comenta que: “Já passei por todas as fases 😞”. A última usuária diz: “Eu de boa na quarentena: a Ansiedade: ela tá muito tranquila vou ferrar isso”. Como visto, as pessoas que fizeram estes comentários se identificaram com a situação, destacamos o segundo comentário, no qual a usuária diz que tem alguém que a ajude a segurar a barra, fazendo uma relação com o papel do homem apresentado no texto. Em

relação aos comentários das seguidoras que relacionaram a situação ao companheiro, apresentamos a figura a seguir.

Figura 21 - Comentários sobre a Tira é a quarentena, parte III



Fonte: *Instagram @instirin hass*

A comentarista disse que: “Queria marcar meu Mozão mas não estamos mais juntos 😞.” O que nos chamou a atenção para este comentário além da relação com o texto, foi a quantidade de pessoas que o responderam. A primeira resposta, que aparece na figura acima, é o da administração da página que escreveu “awnn” que é utilizado em situações que a pessoa fica sem palavras, seguido do *emojin* 😞 que representa uma lágrima caindo de emoção. Os comentários sobre a Tira, no geral, são sobre relacionamento, em grande parte fazem menção ao companheiro.

Tendo sido identificada a ocorrência dos processos referenciais presentes na Tira, foram eles: anáfora direta, anáfora indireta e a anáfora encapsuladora. Concretizada a exposição dos comentários, passamos para a análise da última Tira deste estudo.

Figura 22 - Falta de entendimento



Fonte: Instagram @tirinhasnoinsta.

A figura 22 apresenta uma Tira da série de Tiras da Turma da Mafalda, personagens do cartunista argentino Quino, publicada pela primeira vez em 1993. A Tira é apresentada em quatro quadros, todos em preto e branco. Sobre as cores, frisamos, embasados em estudos científicos, que preto e branco não são cores. Conforme explica Melo (2011), o preto é visto como a somatória de todas as cores e o branco como a ausência total de cores. McCloud (2004) evidencia que usar cores na produção dos quadros era uma alternativa cara. Além disso, as Tiras da Mafalda foram feitas para o formato impresso, com destaque para o jornal que era impresso em preto e branco. No ambiente digital é acrescido as Tiras do ambiente impresso questões tecnolinguageiras, tais como como o acréscimo de *hashtags*, legendas e comentários.

No quadro inicial da Tira, temos a presença do primeiro referente, a professora. Essa está sentada e inicia um diálogo com a classe dizendo o seguinte: “Quem não entendeu, levante a mão”. No segundo quadro, temos outro referente no texto, Manolito, um dos melhores amigos da Mafalda. Ele está sentado na carteira escolar e está com sua mão esquerda levantada, para sinalizar para a professora que quer falar.

No terceiro quadro, outros referentes aparecem, Mafalda e outro aluno que olham aparentemente surpresos para Manolito. Neste mesmo quadro, através de um balão de fala, têm-se a fala da professora com a seguinte indagação: “O que você não entendeu, Manolito?”. No quarto quadro da Tira, retorna-se a Manolito; o menino agora está em pé e responde à pergunta da professora com a seguinte frase: “Nada, desde março até agora”.

A resposta de Manolito gerou surpresa, pois geralmente a expectativa diante da pergunta feita pela professora é que o aluno dissesse que não havia entendido algo referente ao conteúdo daquela aula que a professora acabara de ministrar. É importante destacar que Manolito é considerado o mais ignorante do grupo, tendo dificuldades com todas as matérias do colégio, com exceção de matemática. Esta Tira foi postada em 16 de maio de 2020. Apesar da Tira descrever uma cena do cotidiano escolar, a resposta do Manolito “Nada, desde março até agora”, expressa a sensação de muitas pessoas que viveram a pandemia deflagrada em março. Por isso, muitos perfis resgatam essa Tira e a colocaram no contexto da pandemia do COVID-19.

A coincidência entre a fala do Manolito sobre não entender nada desde o mês de março justifica o resgate da Tira, originalmente publicada em 1993. Foi no mês de março de 2020, que a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. Foi um período de muitas mortes pela doença, acresce-se a isso, o formato de educação que precisou ser revisto, momento em que vimos um modelo de ensino remoto surgir em nossa sociedade. Esta relação é concretizada devido o contexto vivenciado pelas pessoas na data da postagem, a respeito disso Koch (2014, p. 195) afirma que:

o contexto engloba [...] não só o contexto, como também a situação de interação imediata (participantes, local e tempo da interação, objetivo da comunicação e meio de propagação), a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e o contexto cognitivo de interlocutores.

Dada essa contextualização, partimos para a identificação dos processos referenciais presentes no texto. Consideramos possível introduzir dois elementos não-correferenciais no texto, diante disso, identificamos duas anáforas indiretas, que Cavalcante (2012, p.125) conceitua da seguinte forma: “é quando um novo referente é apresentado como já conhecido, em virtude de ser inferível por processamento sociocognitivo do texto”.

O primeiro trata do referente aula. Tal referente está ancorado no cenário do texto: o quadro, a professora, as carteiras e os alunos. Além disso, nossos conhecimentos de mundo, tendo em vista que em tese já frequentamos ou conhecemos alguém que frequentou uma sala de aula, nos permitem fazer essa interpretação.

Esta Tira foi postada no *Instagram* durante o período da pandemia. Dado este contexto, um outro referente foi construído de maneira não-correferencial: a pandemia do COVID-19. Ressaltamos que o mês de março de 2020 foi quando, em nosso país, o vírus começou a ter uma intensa notoriedade. Logo as pessoas passaram a vivenciar situações que muita gente não compreendia, como, por exemplo, ficar em casa em isolamento e ter que estudar de forma remota. Neste caso, a âncora encontra-se no quadro final, na fala de Manolito: “Nada, desde março até agora”.

Por inferirmos sociocognitivamente estes dois novos referentes sobre o texto, aula e a pandemia do COVID-19, ratificamos a presença da anáfora indireta no texto. Percebemos que as conclusões de sentidos que estabelecemos podem não serem imediatas, tendo em vista ser um processo de referenciação que ocorre de forma implícita, mas mesmo não existindo uma relação explícita de anáfora, compreendemos a relação como coerente.

Todavia, também percebemos a existência de anáfora direta no texto, que ocorre no terceiro quadro no texto verbal dentro do balão de fala, que consta escrito a seguinte fala da professora: “O que você não entendeu, Manolito?”.

Observamos que, para a progressão textual do texto, a professora opta por utilizar nomenclaturas diferentes para se referir a Manolito. Primeiro ela utiliza o pronome pessoal “você”, logo em seguida, ela usa Manolito. Desta forma, há uma retomada a um referente que já havia sido inaugurado no cotexto, como é o caso do referente “você” que tem papel inaugurador no texto, por assim dizer. Em seguida, é introduzido o referente “Manolito” que vai retomar um referente que já fora apresentado no texto, o referente “você”. Tendo sido identificados os processos referenciais vistos neste texto, vamos agora apresentar comentários de usuários do *Instagram* sobre suas compreensões sobre a Tira, assim cumprindo um dos objetivos específicos deste estudo.

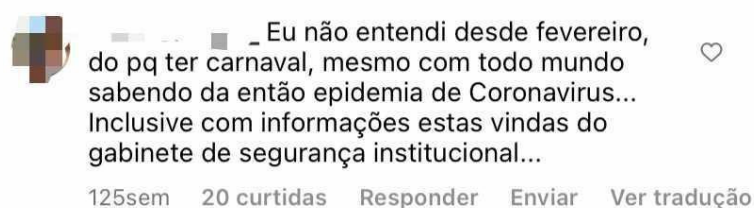
Figura 23 - Comentários sobre a Tira Falta de entendimento, parte I



Fonte: *Instagram @tirinhasnoinsta*

Neste comentário, a usuária afirma que: “Melhor tirinha no momento rs”. A relação do texto é feita de forma clara com a situação mundial daquele período, a fala é direcionada à falta de compreensão sobre a propagação do vírus do COVID-19. Destacamos que a usuária classifica o gênero textual do texto que ele acabou de ler, o que serve de apontamento sobre o quão consolidado é o gênero textual Tiras. Na figura a seguir, será visto mais um comentário onde há associação do texto com a pandemia.

Figura 24 - Comentários sobre a Tira Falta de entendimento, parte II

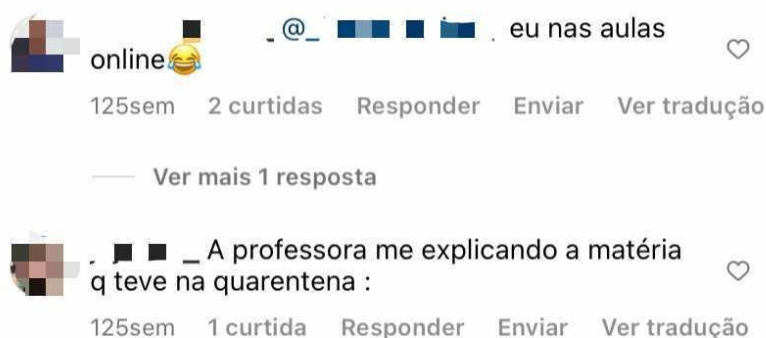


Fonte: *Instagram @tirinhasnoinsta*

O usuário escreve as seguintes considerações sobre a pandemia: “Eu não entendi desde fevereiro, do pq ter carnaval, mesmo com todo mundo sabendo da então epidemia de Coronavirus... Inclusive com informações estas vindas do gabinete de segurança institucional...”. Diante das palavras do usuário, inferimos um tom de indignação por ter acontecido carnaval no Brasil, evento que ocorreu em fevereiro quando já se ouvia falar de uma epidemia. O usuário se baseia na fala de Manolito ao dizer que ele não entende desde fevereiro. Percebemos uma ratificação sobre a compreensão deste usuário voltada para o contexto mundial e não para uma sala de aula.

No comentário a seguir, os usuários correlacionam a postagem às aulas on-line.

Figura 25 - Comentários sobre a Tira Falta de entendimento, parte III



Fonte: *Instagram* @tirinhasnoinsta

O primeiro usuário desta sequência escreveu: “eu nas aulas online”. As aulas on-line foram recomendadas pelo Conselho Nacional de Educação para que de alguma forma o ensino pudesse continuar, já que estudar presencialmente nas escolas aumentaria o risco de contaminação pelo vírus. Os alunos passaram a estudar através da internet, este formato dificultou a compreensão do conteúdo para muitos alunos. Assim o usuário do *Instagram* fez esta associação sobre o texto em análise.

O próximo comentário diz: “A professora me explicando a matéria q teve na quarentena”. Assim como o comentário anterior, este usuário direcionou sua compreensão para algo relacionado as aulas on-line durante a quarentena, entendemos que o comentário aponta que futuramente quando a professora dela perguntar sobre o conteúdo estudado durante a quarentena ela dirá o que Manolito disse.

Diante dos comentários vistos sobre o texto analisado, percebemos que o *frame* acionado pelos usuários foi sempre baseado no contexto mundial contemporâneo: a pandemia do COVID-19. Encontramos nesta Tira dois processos referenciais: anáfora indireta e anáfora direta.

As análises realizadas nesta seção são apenas reflexões, não possuem a pretensão de serem o único caminho possível de interpretação. Compreendemos que ainda há muito o que ser explorado, numa perspectiva de estudo e aperfeiçoamento contínuo.

6 CONCLUSÃO

A linguagem é necessária para que as pessoas se comuniquem, pois por meio dela que as interações acontecem. Mostramos nesse estudo que os textos multissemióticos estão presentes na nossa atual sociedade. Essa pesquisa surgiu a partir dos questionamentos retomados a seguir: como se realiza o processo de referenciação em Tiras na rede social *Instagram*? De que maneira esse processo se manifesta através da semiose não verbal, colaborando para a construção de sentido das Tiras?

Feitas nossas análises, podemos afirmar que os processos de referenciação que ocorrem nas Tiras do *Instagram* são semelhantes aos que ocorrem em outros ambientes, no entanto, por estarem em um locus de profícuas interações, esse fator colabora na construção dos referentes. Logo, os processos referenciais se manifestam através de outras semioses que além do imagético também estão presentes nas Tiras analisadas.

As multissemioses do universo digital são fundamentais para os processos de referenciação quando se trata de textos veiculados no *Instagram*. Há outras semioses que contribuem para a construção de sentidos das Tiras, tais como, as *hashtags* utilizadas nas postagens das Tiras, os *emojis* e os comentários. Tanto esse compósito quanto a postagem principal são fundamentais na observação do fenômeno da Referenciação.

Nossa pesquisa confirmou que os comentários oferecem, mesmo que de forma secundária, um espaço para o leitor, que diante da oportunidade de interação proporcionada pelo *Instagram* ratifica ou muda suas ideias sobre a compreensão construída sobre as Tiras.

Identificamos os processos referenciais que são utilizados em Tiras do *Instagram*, as ocorrências encontradas nesse estudo foram, Introdução referencial (responsável pela apresentação dos referentes do texto); anáforas diretas; anáforas indiretas e anáforas encapsuladoras, Tais processos foram vistos em nosso estado da arte o que nos mostra que temos nas Tiras postadas no *Instagram* os mesmos processos que a literatura aponta. Tendo sido feita a identificação, partimos para o nosso próximo objetivo específico no qual fizemos uma interpretação sobre os processos referenciais identificados. Na parte final das análises, apresentamos compreensões de usuários do *Instagram* sobre o

texto, isso para evidenciar como as linguagens verbal e não verbal presentes nas Tiras colaboram para a compreensão de sentidos.

Conforme evidenciamos nessa pesquisa, existem multissemioses que cooperam para concretização do ato linguístico entre as pessoas. As Tiras são um exemplo de um encontro de semioses presentes em um texto, pois há ocorrência de linguagem verbal e não verbal, que se completam para produzir sentidos. É importante destacar que existem Tiras que são feitas apenas de linguagem não verbal, desta forma irá prevalecer os conhecimentos sociocognitivos para uma profícua interpretação. Não existe Tira apenas com linguagem verbal, pois ter quadros e imagens dispostas em uma narrativa é uma característica vital deste gênero textual, desde seus primórdios quando a veiculação era direcionada apenas para jornais impressos.

Muitas foram as mudanças que a tecnologia proporcionou e continua proporcionando a esse gênero textual. No âmbito da *web*, as *Tiras* ocupam um amplo espaço nas redes sociais, como por exemplo a rede social que foi local de coleta de dados deste estudo, o *Instagram*. Ler Tiras em um ambiente em que a grande maioria das pessoas “habita” é salutar para ambas as partes, tanto locutor como para o interlocutor, pois o locutor tem a oportunidade de compartilhar seu trabalho e o interlocutor de ler Tiras que despertam para tantos temas importantes da nossa sociedade.

Para essa investigação, utilizamos como teoria de base os pressupostos que norteiam a proposta teórica da Referenciação, que defende a referência como atividade que implica interpretações intersubjetivas sobre os objetos do discurso. Diante desse estudo, destacamos alguns pontos:

Nossas compreensões leitoras são formadas com base na realidade sociocognitiva que cada indivíduo possui. Não há como impor um único parâmetro para os referentes de um texto, pois as vivências socioculturais são próprias de cada um.

A Tira é um tipo de texto que oportuniza ao leitor uma leitura crítica, excluindo-se a ideia de caráter diminutivo que durante algum tempo este gênero teve. Assim como os demais, a leitura da Tira demanda que o leitor realize inferências, entendimento de implícitos, percepção do dito e do não dito. É preciso que também sejam percebidas as associações e completudes entre a linguagem verbal e a não verbal. Deve-se considerar também o aspecto

multissemiótico de gênero textual, pois ele serve como orientação para análise do texto e dos referentes que o interlocutor fará.

Não podemos falar de estabilidade de referentes, ao invés disso, precisamos pensar em contínuas recategorizações que são realizadas implicitamente por cada indivíduo.

Na rede social *Instagram*, os administradores das páginas que postam Tiras, usam os recursos da rede de forma variadas. Uns por exemplo fazem trocas dialogais com os leitores, outros não. Foi visto em um dos dados analisados, o administrador opta por utilizar a ferramenta fixar comentário, que tem como função evidenciar um comentário que tenha se destacado entre os demais. Isso é um exemplo da grande e contínua interação que há nesta rede, tanto através de reações disponibilizadas pelo aplicativo, como pela opção comentários que permitem que, diante da análise do texto, o leitor, perceba como outros usuários reagiram ao texto, quais recategorizações outros usuários apresentaram. A recategorização alicerça-se à natureza múltipla que os referentes possuem. São retomadas que buscam constantemente rerepresentar os objetos do discurso, assim se perfazendo como uma tentativa de manutenção ou progressão textual dos referentes do texto.

Uma parte desta pesquisa foi desenvolvida durante a pandemia de COVID-19. Neste período as interações entre as pessoas migraram consideravelmente para o digital, principalmente para o *Instagram* que foi uma rede social muito utilizada. A interação realizada entre usuários do *Instagram* é importante na construção dos referentes do texto. Nesse trabalho, além de analisarmos as Tiras, trouxemos os comentários sobre elas. Essa tarefa foi necessária para que pudéssemos evidenciar como os usuários do *Instagram* recategorizam os referentes do texto em discussão. Concomitantemente a isso, destacamos o caráter de interação que a rede possui. A interação no contexto digital permite ao leitor ratificar, contribuir, e até mesmo dialogar sobre os referentes do texto. Há uma espécie de ação mútua entre os participantes que pode ser realizada de forma consciente ou não.

Por fim, acreditamos que os estudos sobre Referenciação nas redes sociais digitais são muito válidos, por ser um ambiente onde há uma forte produção de textos e a contínua interação dos usuários. Além disso, é um ambiente rico de textos multissemióticos, como as Tiras, nosso objeto de análise.

Estamos cientes de que apresentamos apenas uma pequena amostra da vasta quantidade de Tiras que estão no *Instagram*. Assim, como sabemos que existem outros processos referenciais que podem ser encontrados em textos multissemióticos. Sugerimos, portanto, que trabalhos futuros se aprofundem nesse ecossistema digital e no fenômeno analisado, bem como em textos que possuem múltiplas semioses. Apesar de estarmos na fase conclusiva desse estudo, entendemos que as categorias aqui discutidas servem como abertura para outros questionamentos, outrossim, há a necessidade de pesquisas futuras que reflitam e explorem o mundo das Tiras, da Referenciação e das multissemioses nas interações.

REFERÊNCIAS

- ABOUT. **About Instagram, 2021**. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/features/igtv> Acesso em: 24 de maio de 2021.
- ANTUNES, Irlandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARRETO, Tatiana Rodrigues Freire. **O gênero textual tira em vestibular: uma análise de questões de leitura e compreensão**. 2008, 100f. Dissertação (mestrado em língua portuguesa) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BBC, News Brasil. **2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 05 de março 2022.
- BEAUGRANDE R. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society**. New Jersey: Ablex Publishing Corporation; 1997.
- BENTES, A. C. Linguística Textual. In: Mussalin, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: 9ª edição, Cortez, 2017.
- BRASIL, Marinha do. **Aeronave Super Cougar, da Marinha, resgatou com vida, na Ilha das Flechas-PA, 6 pessoas. Brasil, 13 de abril de 2022**. Twitter: @marmilbr Disponível em: <https://twitter.com/marmilbr/status/1514385194979147785>. Acesso em 25 de junho de 2022.
- CAMPOS, M. F. H; LOMBOGLIA, Ruth. HQ: uma manifestação de arte. In: BIBE LUYTEN, Sonia M. (Org). **Histórias em quadrinho: leitura crítica**. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.
- CANALTECH. **Instagram: Capture and Share the World's Moments**. Disponível em <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/#:~:text=O%20Instagram%20foi%20criado%20por,brasileiro%20Mike%20Krieger%20em%202010>. Acesso em 12 de maio de 2021.
- CARDOSO, Evaldo Carlos de Oliveira. **A referenciação e a construção de sentido(s) no texto digital: um olhar fenomenológico**. Dissertação (Mestrado em Letras). UFMA – São Luís, 2019).

CASTRO, Thiago Estevão Calixto de. **Tiras Cômicas Online: Mediação e Interações na Linguagem das Tiras**. 2016.198f. Dissertação (mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

CAVALCANTE, *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. v. 13 n. 25 (2019): **Revista (Con)Textos Linguísticos - Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise**, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* Coerência e referenciação. In: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. (org.). **Linguística textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.

CAVALCANTE, M.; MARTINS, M. Referenciação em síntese. E- book: **Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer - volume 2** 2020, p.237-272. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347631576_Referenciacao_em_sintes_e/link/6021d0884585158939901715/download. Acesso em 25 de setembro de 2022.

CAVALCANTE, M; BRITO, M. A. P. Anáforas Encapsuladoras: traços peculiares aos rótulos. **Revista de Letras**. Nº. 32 - Vol. (1) - jan./jun. - 2013

CAVALCANTE, Mônica, CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez Editora. 2014.

CAVALCANTE, Mônica. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, Mônica; MUNIZ-LIMA, Isabel. A construção referencial em compósitos de gêneros na mídia Facebook. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2328, p. 430-450, set.-dez./2021.

COSTA, Fernanda de Oliveira Marconi da. **O Uso Dos Diminutivos No Cotidiano Da Língua Portuguesa**. In: Cadernos do CNLF, vol. VII, nº 10: Sobre o retorno à Filologia: Diacronia e Outros Estudos. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2003, p. 5-6. (ISSN 1519-8782).

COUTO, G. H. R. **Celulares: a tecnologia do telefone móvel mediando uma nova linguagem?** *Eco-Pós*. São Paulo, v. 10, janeiro-julho 2007.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Ed. WMF Martis Fontes, 2012.

FÁVERO, Leonor Lopes, KOCH, I. G. V. **Linguística textual: introdução**. São Paulo, 10ª edição, Cortez, 2012.

FERRY, A. S.; NAGEM, R. L. (2008) **Analogias & contra-analogias: uma proposta para o ensino de ciências numa perspectiva bachelardiana**. In: *Experiências em Ensino de Ciências*. v. 3(1), pp. 7-21.

FIORE, Adriano Alves; CONTANI, Miguel Luiz. **Elementos argumentativos da carnavalização bakhtiniana na iconografia do heavy metal** / Argumentative Elements of Bakhtinian Carnivalization in the Iconography of Heavy Metal. *Bakhtiniana*, São Paulo, Número 9 (1): 35-52, Jan./Jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/T3YpChxRvj9jVWCqVpKB73v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 03 de abril de 2022.

FRANÇA, Beatriz. **Além de 'The Boys', confira filmes e séries que são inspirados em histórias em quadrinhos**. Estadão, 2022. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,confira-10-filmes-e-series-que-sao-inspirados-em-historias-em-quadrinhos,70003999810>. Acesso em 12 de maio de 2022.

FURLAN, Cleide. HQ e os “Syndicates” norte-americanos. In: BIBE LUYTEN, Sonia M. (Org). **Histórias em quadrinho: leitura crítica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

INNOCENTE, L. G. **A tira em quadrinhos no jornal do Brasil e no Diário Catarinense: um estudo do gênero**. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina. 2005, 107f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2005.

KEMP, Simon. **Usuários de mídia social ultrapassam a marca de quatro bilhões com o aumento da adoção global**. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2020/10/social-media-users-pass-the-4-billion-mark-as-global-adoption-soars#>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da Conversação**. Princípios e Métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2018.

KOCH, Ingedore Villaça. **As tramas do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual: Trajetória e grandes**

KOCH, Ingedore. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2010.

- KOCH, Ingedore. **Introdução à linguística textual**: Trajetória e grandes temas. São Paulo, Contexto, 2015.
- KOCH, Ingedore. **O texto e a construção dos sentidos**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, Ingedore. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.
- KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola editorial, 2016.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed 34, 1999.
- LIMA, A. A.; NUÑEZ, I. B. **Aprendizagem por modelos: utilizando modelos e analogias**. In: Fundamentos do Ensino-Aprendizagem das Ciências Naturais e da Matemática. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LISBOA, Yasmin. **11 filmes inspirados em histórias em quadrinhos**. Estante virtual, 2021. Disponível em: <https://blog.estantevirtual.com.br/2021/01/29/11-filmes-inspirados-em-historias-em-quadrinhos/>. Acesso em 23 de outubro de 2021.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: 2ª edição, EPU, 2013.
- LUYTEN, S.M.B. **Histórias em quadrinhos**: leitura crítica. São Paulo: Paulinas, 1984.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MAGALHÃES CAVALCANTE, M.; ANGELICA PAIVA BRITO, M. Estratégias de referenciação em textos multissemióticos. **SEDA - Revista de Letras da Rural**. RJ, v. 5, n. 12, p. 55-71, 14 jan. 2021.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A repetição na língua falada**: formas e funções. Recife: UFPE, Tese para Concurso de Professor Titular em Linguística da UFPE, 1992.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. 2. ed. 1ª reimpressão São Paulo: Contexto, 2017.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos da produção de sentido**. Revista do GELNE, ano 1, nº 1, p. 7-15, 1998. Disponível

em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/penhacasado,+1063-3357-1-CE.pdf>.
Acesso em: 25 de agosto de 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de Texto: o que é e como se faz**. São Paulo, Parábola editorial, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATOS, Janaica Gomes. **As redes referenciais na construção de notas jornalísticas**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

McCLOUD, Scott. **Reinventando os Quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2006.

MELLO, Vera Lúcia Martins de. Explicando o fenômeno das Cores. *In: Instrumentação para o Ensino de Física IV*. Universidade Federal do Recife-CESAD, 2011. Disponível em: <https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/15285901022013Instrumenta%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o%20para%20o%20Ensino%20de%20F%C3%83%C%ADsica%20IV%20aula%2010.pdf>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

MENDO, Anselmo Gimenez. **História em Quadrinhos Impresso vs. web**. São Paulo: Unesp, 2008.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. *In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e Ensino*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Parábola, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3):621-626, 2012

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In: CAVALCANTE, M. M; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17 – 52. (Contexto, 2018 [1995]. p. 17-52.)

MONDADA, Lorenza. **Pour une approche conversationnelle des objets de discours**. *In Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN*. Fortaleza: UFC/ABRALIN. 2001

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Modos de interação em contexto digital**. 2022, 179 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2022.

MUNIZ-LIMA, Isabel; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Revista Investigações**. Recife, v. 33, Nº especial, Texto: gêneros, interação e argumentação -III Workshop de Linguística Textual, p. 141-164, 2020.

NALIATO, Samir. **Quadrinhos digitais abrem novas possibilidades, mas editoras ainda tentam torná-los uma opção viável**. Universo HQ, 2020. Disponível em: <https://universohq.com/almanaque/quadrinhos-digitais-abrem-novas-possibilidades-mas-editoras-ainda-tentam-torna-los-uma-opcao-viavel/> Acesso em 22 de set. 2021.

NICOLAU, Marcos. **TIRINHA: A síntese criativa de um gênero jornalístico**. Marca de Fantasia Paraíba, Série Quiosque, 2ª edição – 2020.

NICOLAU, Vitor. **Tirinhas e mídias digitais: a transformação deste gênero pelos blogs**. João Pessoa: Marca de fantasia, 2013.

NICOLAU, Vitor; MAGALHÃES, Henrique. **Tirinhas Digitais: a criação de um novo gênero dos quadrinhos nas mídias digitais**. In: V Simpósio Nacional ABCiber, 2011, Florianópolis, Anais Eletrônicos. Disponível em: <<http://abciber.org.br/simpósio2011/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%201%2F8.E1%2F325-514-1-RV.pdf>> acesso em 24 de setembro de 2021.

PEREIRA, Eduardo. **Round6/Criador da série da Netflix fará sátira sobre sucesso da produção**. Omelete, 2022. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/netflix/round-6-criador-desenvolve-satira>. Acesso em 24 de junho de 2022.

QUADRINHEIRO, Velho. **Ex Libris: a importância do editor nos quadrinhos**, Quadrinheiros, 2014. Disponível em: <https://quadrinheiros.com/2014/12/19/ex-libris-a-importancia-do-editor-nos-quadrinhos/>. Acesso em 25 de julho de 2022.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMOS, Paulo. **Estratégias de referência em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas**. In: Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 743-763, set./dez. 2012.

RAMOS, Paulo. **Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. São Paulo: zarabatana books, 2011.

RAMOS, Paulo. Minicurso - **Tiras no ensino** - Aula 1. Youtube, 18 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4d2NuvP9hiU&t=146s>. Acesso em 14 de dezembro de 2021.

RAMOS, Paulo. **Pontos de Fuga: Registros do Processo de Alargamento do Formato das Tiras**. 9a Arte, São Paulo, vol. 3, n. 1, 85-103, 1o. semestre/2014.

Disponível em: <http://docplayer.com.br/49696595-Pontos-de-fuga-registros-do-processo-de-alargamento-do-formato-das-tiras-1.html>. Acesso em 24 de setembro de 2021.

RAMOS, Paulo. **Revedo o Formato da Tira Cômica**. Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-1864-1.pdf>. Acesso em: 22 de maio de 2022.

RAMOS, Paulo. Tira ou tirinha? Um gênero com nome relativamente instável. In: **Estudos Linguísticos**. São Paulo, 42 (3): p. 1281-1291, set- dez 2013.

RAMOS, Paulo. **Tiras Livres: Um Gênero em Processo de Consolidação**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-1976-1.pdf>. Acesso em 24 de janeiro de 2022.

RAMOS, Paulo. **Tiras livres: um novo gênero dos quadrinhos**. Paraíba: Marca da fantasia, 2ª edição, série quiosque, 2016.

RAMOS, Paulo. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola, 2017.

RESENDE, Tainara Silva; FERREIRA, Helena Maria. **O processo de referenciação em tiras de humor: uma análise para além do linguístico**. Interdisciplinar, São Cristóvão, v. 27, jan-jun, p. 95-106, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/camil/Downloads/6869-Texto%20do%20artigo-19442-2-10-20170803%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/camil/Downloads/6869-Texto%20do%20artigo-19442-2-10-20170803%20(1).pdf). Acesso em: 22 de dezembro de 2021.

RIBEIRO, Carolina. **Conheça as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2018**. Tech Tudo, 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>. Acesso em: 12 de dezembro de 2020.

ROSSETTI, Silvana; SANTOS, Roberto Elísio dos. **Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SANTINO, Renato. **Até o inventor do USB admite que plugar o conector é frustrante**. Olhar digital, 2019. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2019/06/24/noticias/ate-o-inventor-do-usb-admite-que-plugar-o-conector-e-frustrante/>. Acesso em 19 de abril de 2022.

SANTOS E ROSSETTI (orgs.). **Humor e riso na cultura midiática – variações e permanências**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SANTOS, Leonor Werneck dos; CUBA RICHE, Rosa; TEIXEIRA, Claudia de S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VAZQUEZ, Laura. **Quadrinhos de aventuras no Brasil e na Argentina: quando o extraordinário se torna cotidiano**. Chasqui.

Revista Latinoamericana de Comunicación, núm. 134, 2017. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/journal/160/16057382014/html/>. Acesso em: 23 de dezembro de 2021.

SILVA, Franklin Oliveira. **Introdução referencial**: novos olhares. IN: Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, Natal, 04 - 07 de set 2012. Anais Natal: EDUFRN, 2012.

SOARES, Mariana Schuchter; SILVA. Tatiane Abrantes da. LITERATURA ORAL: AS PARLENDAS E O LÚDICO NA ESCOLA. **Linguagens** - Revista de Letras, Artes e Comunicação ISSN 1981 - 9943 Blumenau, v. 3, n. 1, p. 31 - 43, jan./abr. 2009.

SOUZA JÚNIOR, Rivaldo Capistrano de. **Referenciação, Multimodalidade e humor em tiras do Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva**. São Paulo: Editora Pontes, 2017.

STEFFEN, Lufe. **Quais são as dez melhores tiras do quadrinho brasileiro?** Vírgula, 2017. Disponível em: <https://www.virgula.com.br/tvecinema/quais-sao-as-dez-melhores-tiras-do-quadrinho-brasileiro-descubra-aqui/>. Acesso em 08 de dezembro de 2021.

TOGNINI-BONELLI, E. **Corpus Linguistics at work**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Company, 2001.

UERJ, Diretoria de Comunicação da. **UERJ, 2020**. Pesquisa da Uerj indica aumento de casos de depressão entre brasileiros durante a quarentena. Disponível em: <https://www.uerj.br/noticia/11028/>. Acesso em: 07 de out. 2020.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A. et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VERMELHO, Sonia Cristina. VELHO, Ana Paula Machado. BONKOVOSKI, Amanda. PIROLA, Alisson. **Refletindo sobre as redes sociais digitais**. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, jan.-mar. 2014.